

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

O PSICOPATA CORPORATIVO

O PREDADOR ENCANTADOR
DO MUNDO DOS NEGÓCIOS

Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana
Luana das Graças Queiróz de Farias

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

O PSICOPATA CORPORATIVO

O PREDADOR ENCANTADOR
DO MUNDO DOS NEGÓCIOS

Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana
Luana das Graças Queiróz de Farias

EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana
Luana das Graças Queiróz de Farias

2025 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2025 Os Autores

Copyright da Edição © 2025 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

EDIÇÃO DE TEXTO

Natan Bones Petitemberte

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

AdobeStok

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CORPO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Profº Me. Isabele de Souza Carvalho

CORPO EDITORIAL

Pedro Henrique Ferreira Marçal - Vale do Rio Doce University
Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Marcos Garcia Costa Morais - Universidade Estadual da Paraíba
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás Campus Ceres
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Wanderson Santos de Farias - Universidade de Desenvolvimento Sustentável
Maria Gorete Valus - Universidade de Campinas
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Yuni Saputri M.A - Universidade de Nalanda, Índia
Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí, CEAD
Anderson Nunes Da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores Buenos Aires
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Marcelo Silva de Carvalho- Universidade Federal de Alfnas
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

S232p

Santana, Paulo Roberto Peixôto Lima de.

O psicopata corporativo [recurso eletrônico] : o predador encantador do mundo dos negócios / Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana, Luana das Graças Queiróz de Farias. – São José dos Pinhais, PR: Seven Editora, 2025.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6109-055-1

1. Psicopatas. 2. Revisão de literatura. 3. Psicologia. 4. Negócios. I. Farias, Luana das Graças Queiróz. II. Título.

CDU 159.942:658

Índices para catálogo sistemático:

1. CDU: Psicologia das emoções e dos sentimentos 159.942

2. CDU: Negócios 658

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

DOI: 10.56238/livrosindi202505-001

Seven Publicações Ltda
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a **DIVULGAÇÃO DO TRABALHO** pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos **CRÉDITOS** à **SEVEN PUBLICAÇÕES**, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

DEDICATORIA

A Deus/Jesus Cristo, pelo dom da vida e pela oportunidade de evoluir como ser humano, conforme os seus ensinamentos! Obrigado, Senhor, por ter ouvido as minhas orações e por ter me ofertado forças na peleja para superar as tribulações! "Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!" (BÍBLIA, Romanos, 11.36).

À minha amada esposa, Samara dos Santos Lima Peixôto, companheira de vida e fonte de inspiração, pelo amor, apoio e compreensão em todos os momentos desta jornada.

Paulo César Viana de Santana, pai e exemplo de honradez, e Martha Janete de Jesus Peixôto, mãe estimada, pelo incondicional suporte dado à minha formação educacional e pelos valorosos princípios éticos e morais transmitidos à constituição do meu caráter.

Rilza Viana de Queiroz de Santana (*in memoriam*), avó paterna querida, e Ivone de Jesus Peixôto, avó materna apreciada, pelo apoio disponibilizado ao meu desenvolvimento pessoal e pelas orações a Deus que visam me abençoar!

Meus fiéis companheiros de quatro patas: Eva, minha gatinha manhosa, e Floquinho e Keké, meus amigos caninos, que com seu amor incondicional e alegria constante tornaram cada dia mais especial.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos, amigas e colegas de trabalho, bem como aos colegas de Universidade e grupos de estudo, que compartilharam momentos significativos ao longo desta trajetória, contribuindo com experiências, conhecimentos e momentos de alegria. A parceria nas longas jornadas de aprendizado, as trocas de conhecimento e o companheirismo tornaram a caminhada acadêmica mais enriquecedora e prazerosa. Agradeço especialmente aos mentores pessoais e profissionais que, com sabedoria e generosidade, guiaram meus passos e inspiraram meu crescimento, deixando marcas indeléveis em minha formação como profissional e ser humano.

AUTORES DO E-BOOK



Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana

Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana é um profissional de excelência na área de Administração Pública, atual Administrador na Universidade Federal de Viçosa (UFV – campus Florestal), posição conquistada com destaque ao obter o 1º lugar no concurso público de 2022. Sua trajetória de conquistas iniciou em 1999, com aprovação no concurso do Colégio Militar de Salvador (CMS), ingressando em 2000 no prestigiado Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB).

Com 9 anos de carreira, construiu percurso notável em organizações de grande porte, incluindo Walmart Brasil e Engepack Embalagens, desenvolvendo expertise em áreas críticas como suprimentos, compliance, gestão comercial, administração financeira, compras públicas e gestão de convênios/parcerias.

Destaca-se como pesquisador com monografia premiada com nota máxima, “Ele Pode Estar na Mesa ao Lado”: Análise da Revisão de Literatura sobre Psicopatas Corporativos, tema ainda pouco explorado e de relevância singular para o ambiente organizacional. Sua produção acadêmica abrange temas cruciais como saúde mental, envelhecimento saudável e intraempreendedorismo no setor público.

Seu diferencial competitivo é evidenciado por uma formação acadêmica robusta, que inclui especializações estratégicas em Gestão Pública, Gestão e Negócios, e Administração, além de estar cursando Mestrado em Administração Pública. Seu compromisso com a excelência profissional é reforçado pela Formação Especialista Master Black Belt em Lean Seis Sigma em andamento e pela Certificação Profissional em Licitações e Contratos Administrativos (ENAP).

É reconhecido como especialista em aprovações em concursos públicos para cargos de nível superior na área administrativa, acumulando aprovações expressivas em instituições como Universidade de Brasília (UnB), Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), Conselho Regional de Administração da Bahia (CRA-BA), Câmara Municipal de Contagem (CMC-MG) e na 1ª edição do Concurso Público Nacional Unificado (CPNU).

Sua excelência acadêmica é evidenciada pelo desempenho no Teste ANPAD e pela aprovação no Exame Nacional de Acesso (ENA) ao PROFIAP 2023, posicionando-se entre os 5,26% melhores participantes, com destaque em Interpretação de Textos (top 1,21%), Casos Interdisciplinares (top 2,43%, com 96,16% na discursiva) e Métodos de Mensuração de Dados (top 6,48%).

Esta combinação de excelência acadêmica, expertise em concursos e sólida experiência profissional o posiciona como referência em Administração Pública, com capacidade comprovada de gerar valor e promover transformações significativas nas organizações.



Luana das Graças Queiróz de Farias

Considerada uma profissional multidisciplinar atuando nas áreas de Trabalho, Inovação, Aprendizagem e Habilidades. Mestre em Planejamento Ambiental pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e PhD em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autora dos livros “O Mapa das Novas Carreiras: Um guia completo para reinventar sua profissão na nova economia” e “As Novas Carreiras: Presente e futuro – 5 pilares essenciais para reinventar sua profissão na nova economia”. Professora universitária, palestrante e mentora especializada em estratégia de planejamento e produtividade pessoal e empresarial. Nos últimos anos tem se dedicado ao desenvolvimento de soluções para a Nova Economia, atuando como pesquisadora nas áreas de carreiras, aprendizagem e habilidades. Idealizadora da Websérie “A Nova Economia do Trabalho”. Vencedora do Startup Weekend 2022, realizado em Lauro de Freitas (BA). Em 2022, participou do Curso Economia Criativa ligado ao Programa Carreiras Criativas da Full Sail University.

APRESENTAÇÃO

Em um mundo onde o sucesso nos negócios é frequentemente associado à ambição implacável e agressividade estratégica, existe uma figura sinistra que se esconde à vista de todos: o psicopata corporativo. Este livro, "O Psicopata Corporativo: O Predador Encantador do Mundo dos Negócios", mergulha nas profundezas da mente desses indivíduos manipuladores e carismáticos, revelando como eles exploram as estruturas corporativas para alcançar seus objetivos egoístas.

Prepare-se para uma jornada intrigante ao universo da psicopatia corporativa. Ao contrário dos psicopatas violentos retratados na cultura popular, os psicopatas corporativos são mestres da dissimulação. Eles se escondem atrás de ternos impecáveis e sorrisos sedutores, usando seu charme e inteligência para manipular colegas, subordinados e até mesmos superiores. Com uma frieza emocional perturbadora e uma total falta de empatia, eles avançam em suas carreiras sem se importar com o rastro de destruição que deixam para trás.

Este livro não é apenas um estudo acadêmico sobre psicopatia. É um guia prático para identificar e se proteger desses predadores corporativos. Por meio de exemplos reais e análises perspicazes, você aprenderá a reconhecer os sinais de alerta, a se defender de suas táticas manipuladoras e a evitar se tornar uma vítima de seus jogos de poder. Descubra como criar um ambiente de trabalho livre de tóxicos e propício à colaboração e ao crescimento profissional.

Apronte-se para uma jornada perturbadora e reveladora pelo lado sombrio do mundo corporativo. "O Psicopata Corporativo" desafiará suas crenças sobre liderança, sucesso e ética nos negócios, mostrando que nem sempre quem está no topo é digno de admiração. Ao final desta leitura, você estará mais preparado para enfrentar os desafios do mundo profissional com conhecimento e discernimento, sabendo que nem todo sorriso é sincero e nem toda promessa é verdadeira. Aprenda a identificar os sinais sutis da psicopatia corporativa e proteja-se de manipulações e danos emocionais.

Não seja uma vítima. Previna-se para identificar e lidar com a psicopatia corporativa. Adquira já o seu exemplar e transforme seu ambiente de trabalho!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA: Associação Americana de Psiquiatria

CID: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

CID10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (décima versão)

DMS I: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (primeira versão)

DMS II: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (segunda versão)

DMS III: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (terceira versão)

DMS III-R: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (revisão da terceira versão)

DMS IV: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (quarta versão)

DMS IV-R: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (revisão da quarta versão)

DMS V: Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Doenças Mentais (quinta versão)

OMS: Organização Mundial da Saúde

PCL -R: Psychopathy Checklist Revised

SCIELO: Scientific Eletronic Library Online

TPA: Transtorno de Personalidade Antissocial

SUMÁRIO

RESUMO	13
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 JUSTIFICATIVA.....	15
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	16
1.3 OBJETIVOS DE PESQUISA.....	16
1.3.1 Objetivo geral	16
1.3.2 Objetivos específicos	17
2 PSICOPATA CORPORATIVO	18
2.1 O PERFIL DO PSICOPATA CORPORATIVO.....	18
2.2 O MODUS OPERANDI DO PSICOPATA CORPORATIVO.....	53
2.3 OS DANOS CAUSADOS NAS VÍTIMAS PELA ATUAÇÃO DO PSICOPATA CORPORATIVO... 65	
3 METODOLOGIA	75
4 RESULTADOS DA PESQUISA	77
5 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	83

Psicopatas S.A.

Ele vai a todo happy hour, é companheiro de cafezinho e ouve você reclamar do salário.
Não confie tanto nesse colega de firma – é quatro vezes mais comum encontrar psicopatas nas empresas do que na população em geral.

Os comportamentos dos psicopatas corporativos repercutem negativamente nas relações socioprofissionais e, conseqüentemente, na produtividade de uma organização. Logo, levantou-se a necessidade de estudos detalhados sobre esse tema. Objetivou-se nesta produção científica, analisar o perfil do psicopata corporativo, o seu *modus operandi* e os danos causados nas vítimas decorrentes da sua atuação. Para tanto, adotou-se uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada via consulta a obras selecionadas através de busca no banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. Os dados foram analisados por meio de abordagens descritiva e qualitativa, em torno das informações teóricas disponíveis sobre a temática. O psicopata é um indivíduo sem consciência. Ele almeja poder e controle na empresa para crescer profissionalmente. O principal dano na vítima do psicopata corporativo é a depressão. É crucial aprofundar os estudos acerca da psicopatia para definir os vários aspectos divergentes referentes às ideias dos pesquisadores da área.

Palavras-chave: Psicopata, Psicopatia, Psicopata corporativo, Organização.

A expressão psicopata vem do grego: *psyche* = mente; *pathos* = doença. São inúmeros os conceitos, definições e linhas de estudo que buscam definir a personalidade psicopática. Existem vertentes de ensinamento que observam a influência do meio na formação do indivíduo psicopata. Em compensação há outros entendimentos que observam o perfil psicopático como patológico e até como defeito congênito.

Segundo Clarke (2011), em um ambiente organizacional, seja qual for o posto ocupado, é possível encontrar todos os tipos imagináveis de personalidades e comportamentos. De acordo com o autor, existem pessoas que constroem e ridicularizam intencionalmente os colegas de trabalho. Em outros casos, há empregados impulsivos, superficiais ou que não demonstram nenhuma empatia com quem está ao redor. Existem aqueles que abusam de sua sedução na tentativa de impressionar líderes e clientes. Outros exemplos consistem nos colegas que culpam os outros por um projeto que não teve o sucesso desejado, embora quando são os únicos responsáveis pela falha.

O fato é que os psicopatas corporativos existem e se encontram em diversos locais, desde pequenos escritórios a empresas multinacionais e transnacionais. São “profissionais” que utilizam inúmeras formas de manipulação para crescer em suas carreiras, deixando marcas negativas nos seus colegas de trabalho, inclusive nos próprios chefes. Homens e mulheres com tal perfil podem fazer do cotidiano um verdadeiro inferno. (CLARKE, 2011).

É justamente por este motivo que se torna essencial a habilitação para identificar quem são estes indivíduos que convivem discretamente nas organizações. Conhecer as características de um psicopata corporativo possibilita a chance de um colaborador não ser vítima da manipulação de um indivíduo sem consciência e que almeja o poder acima de tudo e, por conseguinte, não sofrer os danos nefastos pelo *modus operandi* deste ser perverso. (SINA, 2017).

A pesquisa adotou uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a livros, sites e artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico a partir dos descritores: psicopata; psicopatia; psicopata corporativo; organização. Já os dados foram analisados por meio de abordagens descritiva e qualitativa, em torno das informações teóricas disponíveis sobre o tema psicopata corporativo.

Através da realização da revisão de literatura percebeu-se que o tema psicopata é controverso, estudado há vários anos, conta com extensa literatura no campo da psiquiatria e psicologia, porém poucos estudos na ciência da administração, esses direcionados para o tema psicopata corporativo. Encontraram-se diversos pensamentos complementares e, especialmente, divergentes.

É um consenso entre os estudiosos que as pessoas com características psicopáticas causam inúmeros transtornos dentro das organizações, particularmente para os colegas de trabalho que atuam diretamente com eles. Portanto, influenciam negativamente o clima organizacional.

O trabalho iniciou-se com esta introdução, contendo a justificativa do objeto de estudo, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos da investigação. Posteriormente, a revisão da literatura sobre a explicação do perfil do psicopata corporativo via conceituação e demonstração das suas principais características. Em sequência, na terceira e quarta seções, respectivamente, descreveram-se a metodologia adotada e os resultados da pesquisa, ou seja, a análise e discussão dos dados obtidos. Por fim, foram apresentadas as considerações finais e recomendações a respeito da temática.

1.1 JUSTIFICATIVA

O tema psicopata corporativo foi escolhido pelo autor para a elaboração da obra devido a dois motivos específicos. A motivação primária é de âmbito pessoal e a secundária é de cunho acadêmico.

A primeira razão relacionou-se com as experiências práticas do autor no mercado de trabalho via estágios remunerados ao longo da graduação. Ele estagiou em oito organizações dos três setores, portes e segmentos distintos, como, por exemplo, o varejo, a indústria de base e de transformação, os setores bancário e educacional.

O segundo fundamento referiu-se ao fato de o objeto de pesquisa ser pouco explorado na academia, por conseguinte, se tornou atrativo para o desenvolvimento do trabalho, pois não é um assunto extremamente estudado e difundido nos bancos escolares do Brasil.

Desta forma, obteve relevante experiência na área de gestão de pessoas, pois atuou com inúmeros colaboradores e estilos de lideranças distintas. Diante de sua vivência profissional, o escritor presenciou várias situações desagradáveis como ausência de profissionalismo e atitudes antiéticas praticadas por alguns ex-colegas de trabalho.

Deste modo, ele aprofundou a leitura sobre alguns temas para entender os motivos de tais atitudes antiéticas e o mecanismo de funcionamento daqueles “colegas”, como, por exemplo: assédio moral, *bullying* corporativo, “puxada de tapete”, a relação competição e cooperação na organização, “mecanismos de proteção contra colegas de trabalho de má índole”. Assim, o pesquisador localizou a existência do termo “psicopata corporativo”, objeto de estudo da produção científica.

Na ciência da administração, as pesquisas que explanam o tema são escassas, singularmente no contexto brasileiro. Desta maneira, a temática é examinada de forma limitada no campo de estudos organizacionais (CAMPELO; SOUSA, 2016).

Segundo Campelo e Sousa (2016), tal assunto não é debatido pelos gestores das organizações, uma vez que as características do psicopata corporativo são consideradas como proveitosas, em alguns aspectos, para o progresso da companhia.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A presença do psicopata corporativo chama a atenção pelos prejuízos que trazem para as pessoas e as organizações. Estudos feitos por Babiak e Hare (2006) demonstram que 1% da população humana é considerada psicopata corporativo e 10% apresentam características que se assemelham a tal perfil. Estes, contudo são profissionais que procuram ascensão profissional, atuando com frieza, sem empatia e consideração pelos seus colegas de trabalho, prejudicando não somente estes, inclusive, a organização, pois, para obterem vantagem, fraudam números e violam regras.

Analisando-se o impacto danoso que as condutas dos psicopatas corporativos possuem sobre as relações socioprofissionais e, por conseguinte, na produtividade da companhia, torna-se extremamente necessário estudar sobre este tema. Tal assunto é abordado de forma ínfima pelos gestores das empresas.

No âmbito da administração são poucos os estudos que abordam a temática, sobretudo no contexto brasileiro. Desta forma, apresentou-se como questão de pesquisa: **como a produção científica do tema ajuda a explicar as definições, o perfil, o *modus operandi* e os efeitos causados nas vítimas decorrentes das ações do psicopata no contexto empresarial?**

1.3 OBJETIVOS DE PESQUISA

1.3.1 Geral

Investigar na literatura especializada definições sobre o perfil do psicopata corporativo, o *modus operandi* adotado por ele numa organização e, conseqüentemente, os danos causados nas vítimas decorrentes das ações do psicopata no contexto empresarial.

1.3.2 Específicos

- Definir o psicopata corporativo;
- Demonstrar as principais características do psicopata corporativo;
- Explicar o *modus operandi* do psicopata corporativo;
- Evidenciar os danos causados nas vítimas em decorrência das ações do psicopata corporativo.

2.1 O PERFIL DO PSICOPATA CORPORATIVO

Segundo o site Origem da Palavra – Site de Etimologia, o vocábulo psicopata se formou no século XIX do alemão *PSYCHOPATISCH*, criado a partir do grego *PSYKHÉ*, “mente”, mais *PATHOS*, “sofrimento”. De acordo com o dicionário, psicopata significa “que ou quem sofre de psicopatia”, ou ainda “que ou quem sofre doença ou distúrbio mental grave”. A palavra psicopatia, conforme a definição do glossário tem sentido de “designação genérica das doenças mentais”, “desequilíbrio patológico no controle das emoções e dos impulsos, que corresponde frequentemente a um comportamento antissocial”, “distúrbio mental grave em que o paciente apresenta comportamento antissocial e amoral caracterizado pela ausência de qualquer emoção humana ou de afeto, sendo incapaz de demonstrar arrependimento e remorso, revela alto nível de egocentrismo, dificuldade em manter laços afetivos, etc.” ou “qualquer doença ou distúrbio mental; psicose”.

Hare (2003) reitera que muitos pesquisadores estudaram sobre psicopatas, mas nenhum teve o impacto do psiquiatra americano Hervey Cleckley. Cleckley (1976) *apud* Hare (2003, p.29), em seu famoso livro *The Mask of Sanity*, publicado pela primeira vez em 1941, chamou a atenção para o que ele considerava um problema social tenebroso, embora em grande parte ignorado pela sociedade. Ele escreveu com detalhes surpreendentes sobre seus pacientes e transmitiu ao público a primeira exposição detalhada da psicopatia.

Para Cleckley (1976) *apud* Hare (2003, p.29), o psicopata possui uma grande incapacidade de entender os fatos ou dados que definem os valores pessoais. As sensações humanas não têm significado para ele. Infelizmente, a sensibilidade para perceber os sentimentos que movem as pessoas é inexistente para o psicopata. Na opinião do autor, tudo isto não pode ser explicado ao psicopata porque ele não consegue entender. O psicopata pode repetir as palavras e dizer que compreende, mas nem ele consegue perceber que não entende verdadeiramente.

Ainda de acordo com Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292), a psicopatia é uma forma de doença mental, porém, sem os característicos sintomas das psicoses, o que conferiria ao psicopata uma aparência de normalidade. O transtorno substancial da psicopatia seria a “demência semântica”, ou seja, uma deficiência na compreensão dos sentimentos humanos em profundidade, todavia na esfera comportamental o indivíduo aparentasse entendê-los. O psicopata é especialista em esconder características negativas através da “máscara de sanidade”, justificando a escolha do título da obra. Cleckley (1955) *apud* Hidalgo e Serafim (2016, p.19) ratifica que o psicopata não se beneficia com tratamentos, porém, as sensações

positivas relacionadas aos psicopatas-primários podem induzir a uma interpretação limitada dos problemas e, por conseguinte, indicam uma falta de aceitação do tratamento. Logo, para o autor, a psicopatia não tem cura. Na ótica de Cleckley (1988), uma falha acentuada do organismo humano, hipoteticamente congênita, no entanto não hereditário, exerce a função central no assombroso fracasso do psicopata de vivenciar a vida normalmente e conduzir uma carreira aceitável para a sociedade. O autor assegura que tal ideia é um conceito especulativo e não é suportado por evidências constatadas. Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292) aproximou o conceito de psicopatia em torno da personalidade antissocial, colaborando, posteriormente, com as pesquisas de diversos cientistas. A caracterização da psicopatia como personalidade antissocial realizada por ele persiste até na atualidade, como atesta a Associação Americana de Psiquiatria (APA) por intermédio da quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DMS IV).

Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292) estudou dezesseis características principais, ou seja, traços de personalidade, denominados de “critérios de Cleckley”, conforme o Quadro 01:

Quadro 01 – Critérios de Cleckley

Dezesseis Características Principais do Psicopata
Aparência sedutora e boa inteligência;
Ausência de delírios e de outras alterações patológicas do pensamento;
Ausência de “nervosidade” ou manifestações psiconeuróticas;
Não confiabilidade;
Desprezo para com a verdade e insinceridade;
Falta de remorso ou culpa;
Conduta antissocial não motivada pelas contingências;
Julgamento pobre e falha em aprender através da experiência;
Egocentrismo patológico e incapacidade para amar;
Pobreza geral na maioria das reações afetivas;
Perda específica de insight (compreensão interna);
Não reatividade afetiva nas relações interpessoais em geral;
Comportamento extravagante e inconveniente, algumas vezes sob a ação de bebidas, outras não;
Suicídio raramente praticado;
Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada;
Falha em seguir qualquer plano de vida.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Na concepção de Hare (2003), o livro *The Mask of Sanity* teve uma enorme influência em pesquisadores dos Estados Unidos e Canadá durante a segunda metade do século passado e se tornou o alicerce referencial de grande parte da pesquisa científica sobre psicopatologia que foi

realizada no período. A maior parte deste estudo dedicou-se atentamente em descobrir o que estimulava o psicopata.

Conforme Abdalla Filho (2004) *apud* Silva e Krom (2009, p.1-2), com base na décima e atualizada versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID10 – classificação F60.2), elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), transtorno de personalidade é descaracterizado por doença ou lesão cerebral. Para ele é associado a uma ruptura pessoal e social, isto é, trata-se de uma perturbação grave da estrutura da índole e das tendências comportamentais do indivíduo, resultante de uma interação entre os atributos genéticos e o meio ambiente.

Silva e Krom (2009) dizem que, tal transtorno de personalidade possui como nomenclatura o termo psicopata ou personalidade psicopática, porém não pertence à terminologia diagnóstica do conceito médico-psiquiátrico. As descrições que mais se assemelham destes vocabulários são o transtorno da personalidade antissocial (TPA), conforme DMS IV e o transtorno de personalidade dissocial, de acordo com o CID10 (classificação F60.2).

Na ótica de Lykken (2006) *apud* Oliveira (2011, p.04), a psicopatia também não deve ser restringida a simples TPA. Normalmente os psicopatas também compartilham traços que discriminam este transtorno, contudo não significa que o portador do TPA é, conseqüentemente, psicopata. Edens *et al.* (2006) *apud* Oliveira (2011, p. 05) reforça o pensamento anterior, ao declarar que, independentemente do DSM listar algumas características similares e/ou equivalentes a dos psicopatas, a psicopatia não é sinônimo de TPA, não obstante é conceituada como um aglomerado de distintas características da personalidade, sendo uma percepção que salienta mais os traços afetivos e interpessoais. Assim, Huss (2011) *apud* Oliveira (2011, p.05) assevera que 90% dos psicopatas sofrem do transtorno, mas apenas 15% a 30% daqueles que sofrem com o TPA são psicopatas.

O DMS V, edição atualizada do referido manual, atualmente em vigor, também não lista ou descreve a psicopatia, conforme suas publicações passadas. Por conseguinte, a psicopatia não é um diagnóstico oficial dado a uma pessoa, mesmo que seja classificado como um traço de personalidade e analisado por inúmeros testes liderados por psicólogos. O TPA é a definição mais aproximada para a conceituação da psicopatia. O DSM V descreve que os indivíduos com personalidades antissociais são frequentemente associadas a psicopatas. O Quadro 02 elenca as características apresentadas pela APA através do DMS V, identificando as particularidades do TPA (GOETTEN, 2017):

Quadro 02 – Características do TPA

APA - DMS V
Habilidade de manipulação;
Charme e gentileza;
Envolvimento em atividades criminais;
Imprudência;
Impulsividade;
Irresponsabilidade;
Tortura e matança de animais (transtorno de conduta durante a infância);
Ausência de empatia e remorso;
Baixo estímulo fisiológico

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para Santos (2016), o psicopata é caracterizado como um sujeito manipulador, impulsivo, transgressor, mentiroso, irritável, agressivo, irresponsável e sem consciência. O portador da psicopatia é definido pelo autor da seguinte maneira:

O psicopata seria basicamente um indivíduo manipulador, impulsivo, com dificuldades de seguir as normas e leis impostas pela sociedade, propenso a enganar o outro, irritável e agressivo (o que levaria a constantes embates com a lei), irresponsável e frio, enfim, sem remorsos diante das consequências de seus atos eventualmente maléficos (SANTOS, 2016, p.89).

Analisando-se a definição acima, percebe-se que a linha de raciocínio do escritor assemelha-se à definição e caracterização elaborada pela APA via DMS V. Inegavelmente, de acordo com a citação acima, notam-se que os traços da psicopatia se aproximam daqueles mencionados para o TPA. O Quadro 03 apresenta outras definições e características da psicopatia, conforme abaixo:

Quadro 03 – Definições e Características da Psicopatia/Psicopata

Pesquisadores	Definições/Características
Pinel (1801) <i>apud</i> Oliveira (2011,p.02-03).	Philippe Pinel, em 1801, foi o primeiro a notar que certos pacientes, envolvidos em atos impulsivos e autodestrutivos, tinham sua habilidade de raciocínio intacta e tinham consciência da irracionalidade do que estavam fazendo. A estes casos, ele denominou serem “ <i>manie sans delire</i> ”, ou insanidade sem delírio. Nesta época, como era entendido que “mente” era sinônima de “razão”, qualquer inabilidade racional ou de intelecto era considerada insanidade, uma doença mental. Foi com Pinel que surgiu a possibilidade de existir um indivíduo insano (<i>manie</i>), mas sem qualquer confusão mental (<i>sans delire</i>).

Prichard (1835) <i>apud</i> Oliveira, (2011, p.03).	Em 1835, em “ <i>A treatise on insanity and other disorders affecting the mind</i> ” o britânico J. C. Prichard aceitou a teoria de Pinel acerca do “ <i>manie sans delire</i> ”; entretanto, dissentiu sobre a moralidade neutra deste transtorno (a qual Pinel acreditava), tornando-se um dos expoentes a crer que tais comportamentos significavam um repreensível defeito de caráter, que merecia condenação social. Além disso, ele abrangeu o escopo da “síndrome” original, criando o rótulo “insanidade moral”, incluindo, então, uma vasta gama de outras condições mentais e emocionais. Todos estes pacientes compartilhavam um defeito no poder de se guiar de acordo com os “sentimentos naturais”, isto é, um intrínseco e espontâneo senso de retidão, bondade e responsabilidade. Aqueles que tinham tal condição eram seduzidos, apesar de suas habilidades de entender suas escolhas, por um “sentimento superpoderoso”, que os conduzia a praticar atos socialmente repugnantes, como, por exemplo, crimes.
Hare (1999) <i>apud</i> Ely et al. (2014, p.03).	Psicopatas são predadores sociais charmosos, manipuladores, que brutalmente abrem seu caminho através da vida, deixando atrás de si uma trilha de rastros de corações partidos, esperanças destruídas e carteiras vazias.
Morana, Stone e Filho (2006).	Esse tipo de transtorno específico de personalidade é marcado por uma insensibilidade aos sentimentos alheios. Quando o grau dessa insensibilidade se apresenta elevado, levando o indivíduo a uma acentuada indiferença afetiva, ele pode adotar um comportamentocriminal recorrente e o quadro clínico de TP assume o feitiço de psicopatia.
(FILHO, TEIXEIRA, e DIAS, 2012; PATRICK, FOWLES e KRUEGER, 2009, <i>apud</i> VASCONCELLOS et al., 2017, p.152).	A psicopatia pode ser entendida como um conjunto de traços de personalidade relacionados à ausência de remorso, baixa empatia, impulsividade, busca por estimulação, além de uma maior dominância social, cuja expressão pode se dar a partir da capacidade de manipular outros indivíduos.
Kiehl (2011) <i>apud</i> Taylor (2011, p.02).	Clinicamente a definição é alguém com uma pontuação alta em traços como falta de empatia, culpa e remorso; Eles são muito impulsivos: tendem a não planejar ou pensar antes de agir. Eles têm a tendência de se envolver em problemas desde muito jovens; Tendo a ver os psicopatas como pessoas que sofrem de uma desordem, portanto não usaria o termo "mau" para descrevê-los.
Gudmundsson e Southey (2011) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas, (2015, p.105).	A psicopatia é um transtorno da personalidade, envolvendo falta de empatia e de apego aos outros, carisma e charme superficial, manipulação e violação das normas sociais.
Trindade (2015)	O psicopata é o maior predador da espécie humana. É como se fosse um Átila, pois por onde ele passa vai deixando uma senda de destruição nas relações afetivas, sociais e laborais.
Bins e Taborda (2016)	A psicopatia é uma síndrome que pode ser definida em termos de uma combinação de certos traços de personalidade e conduta socialmente desviante.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com Hare (2003), autor do livro *Sin Conciencia – El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean*, criador da Escala *Hare Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R), baseada nos “critérios de Cleckley”, os psicopatas estão em todas as raças, culturas, sociedade e estilo de vida. O traço marcante destes indivíduos é a impressionante ausência de consciência. Os psicopatas são encantadores, manipuladores, mentirosos e buscam autogratificação à custa

de outra pessoa. Muitos passam algum tempo na prisão, mas inúmeros outros convivem normalmente nos espaços sociais.

Para Hare (2003), a confusão e a incerteza em torno da definição da psicopatia começam com o próprio termo em si. Esta palavra significa literalmente "doença mental" (da *psique*, da "mente" e do *pathos*, "doença"), e este é o significado encontrado nos dicionários. A confusão é aumentada pelo mau uso do termo feito pelos meios de comunicação, já que o equiparam com loucos. Segundo o autor, a maioria dos pesquisadores e clínicos usa um significado bem definido do termo, diferente daqueles presentes nos dicionários. Eles sabem que a psicopatia não deve ser entendida como o resto das doenças mentais. Os psicopatas não são desorientados nem vivem em outro mundo. Eles também não experimentam alucinações, delírios ou o desconforto intenso que caracteriza a maioria dos transtornos mentais. Ao contrário dos sujeitos psicóticos, os psicopatas são racionais e percebem o que fazem e o motivo das suas ações. Sua conduta é o resultado de uma escolha lógica.

Portanto, se uma pessoa com diagnóstico de esquizofrenia quebra algumas normas sociais, por exemplo, ele mata a primeira pessoa que vê em resposta a ordens recebidas de seres extraterrestres, este indivíduo não é responsável por suas ações, porque ele encontra-se desorientado, acometido por alucinações e delírios. Todavia, quando uma pessoa é diagnosticada com uma psicopatia e infringe estas mesmas regras, ela é considerada mentalmente saudável e vai à prisão. Mesmo assim, a sociedade geralmente pensa que certos crimes brutais, especialmente tortura e assassinato, são cometidos apenas por dementes. Pode ser verdade de determinado ponto de vista, mas não de uma perspectiva psiquiátrica ou jurídica (HARE, 2003).

Hare (2003) exemplifica que alguns assassinos em série são loucos, no entanto, a maioria não é. Eles podem torturar, matar e mutilar suas vítimas, mas, na maior parte dos casos, não há evidências de que eles estejam chateados, mentalmente confusos ou psicóticos. Muitos assassinos famosos, como, por exemplo, Ted Bundy, John Wayne Gacy e Henry Lee Lucas foram diagnosticados como psicopatas, ou seja, eles são mentalmente saudáveis de acordo com os cânones psiquiátricos e legais atuais.

No que tange a dúvida em relação à diferenciação entre as nomenclaturas psicopatia e sociopatia, muitos pesquisadores, clínicos e escritores utilizam os referidos termos incorretamente, igualando-os. Às vezes, o vocábulo sociopatia é usado porque é menos provável que seja confundido com psicopatologia ou loucura do que a nomenclatura psicopatia. Para alguns clínicos e pesquisadores, bem como a maioria dos sociólogos e criminologistas, a sociopatia é inteiramente constituída por fatores sociais ou experiências infantis, isto é, as ações e valores de um indivíduo são reflexos de um contexto socioambiental (HARE, 2003).

No caso do psicopata a situação é distinta, pois a formação do perfil do indivíduo portador da psicopatia é concebida por elementos biológicos, psicológicos e genéticos. Diante dessa confusão de definições, o mesmo indivíduo, portanto, pode ser diagnosticado como um sociopata por um especialista e como psicopata por outro (HARE, 2003).

Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.03) afirma que é muito difícil mudar o jeito que o psicopata sente ou age. A única alternativa viável de tratamento consiste na tentativa de mudança do comportamento dele até certo ponto (em um tipo de ação de redução de danos). Contudo, há alguns programas de tratamento estudados que apelam para o senso de egoísmo dos psicopatas, ou seja, ele pensará nas ações que são benéficas para si. Numa situação hipotética, o psicopata mudará seu comportamento nocivo para não ser prejudicado, porém ele ainda almeja a conquista do seu objetivo proposto.

De acordo com Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.04), a criminalidade e psicopatia são questões distintas. Existem psicopatas que não cometem nenhum crime nem violam nenhuma lei, mas que causam sérios problemas para outras pessoas. Eles podem subir na vida abusando psicologicamente e emocionalmente de outros indivíduos. Por outro lado, é mais fácil um psicopata entrar para o mundo do crime do que uma pessoa comum, porque ele não vê diferença entre o comportamento regular e o criminal.

Na opinião de Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.04), a psicopatia não é uma doença. O mesmo menciona que outros estudiosos acreditam que se trata de uma patologia, que algum problema no cérebro de um psicopata o torna menos responsável por seu comportamento. Porém, para ele, as evidências obtidas até agora não corroboram com o pensamento destes cientistas.

Para Hare (2003), a equivalência de significado entre os termos psicopata e o TPA, descrito na terceira edição do DSM em 1980, e na respectiva revisão em 1987 é incorreta. O critério de diagnóstico de TPA consiste principalmente em uma longa lista de comportamentos antissociais ou criminais. A pluralidade de termos gerou muita confusão durante certo período, pois muitos médicos assumiram equivocadamente que TPA e psicopatia se equivaliam. Conforme consta no DSM III, DSM IIIR, e também no DSM IV, 1994, TPA refere-se principalmente a um grupo de comportamentos criminosos e antissociais. A maioria dos criminosos, por exemplo, cumpre os critérios para tal diagnóstico. Todavia, a psicopatia é definida por um conjunto de traços de personalidade e comportamentos sociais desviantes. A maior parte dos infratores, por exemplo, não são psicopatas, porém diversas pessoas que conseguem viver fora da lei, evitando serem descobertas, são.

A PCL-R, elaborada por Hare (2003), ferramenta complexa para uso profissional da área de saúde, influenciada pelos critérios de Cleckley, é um instrumento que possibilita a identificação e o detalhamento da personalidade dos psicopatas. Este método é universalmente aceito para identificá-los e divide o perfil do psicopata de acordo com as suas relações interpessoal/emocional e seu estilo de vida. Através dos comportamentos do indivíduo por meio da sua relação emocional/interpessoal, percebe-se a capacidade do psicopata de manifestar seus sentimentos às pessoas. Quanto ao seu estilo de vida, analisa-se a relação do psicopata com as normas sociais estabelecidas. Observa-se que diversas pessoas que não são psicopatas podem ter alguns sintomas descritos na PCL-R. Muitas pessoas são impulsivas, frias, insensíveis ou antissociais, mas isso não significa que sejam psicopatas. A psicopatia é uma síndrome, ou seja, um conjunto de sintomas relacionados. O Quadro 04 sintetiza a caracterização do perfil do psicopata:

Quadro 04 – *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)*

Sintomas Graves de Psicopatia	
Emocionais/interpessoais:	Desvio social/estilo de vida:
Eloquência e encanto superficial;	Impulsividade;
Personalidade egocêntrica e presunçosa;	Autocontrole deficiente;
Ausência de remorso ou culpa;	Necessidade de excitação continuada;
Ausência de empatia;	Irresponsabilidade;
Pessoa manipuladora e mentirosa;	Problemas de conduta na infância;
Portador de emoções superficiais e banais	Conduta antissocial quando adulto

Fonte: Hare (2003, p.33) (tradução nossa).

Para Silva (2008), os psicopatas são espirituosos e articulados, tornando uma conversa divertida e agradável. São charmosos e atraentes no exercício de suas mentiras. Geralmente contam histórias extraordinárias, porém convincentes em inúmeros aspectos.

Os psicopatas podem enganar diversas pessoas através das suas histórias improváveis, especialmente quando o perfil dele não é conhecido e divulgado. Este fenômeno ocorre pela habilidade dos psicopatas em se informar sobre os mais variados assuntos, mas se forem realmente testados por verdadeiros especialistas na área, revelam suas superficialidades de conteúdo (SILVA, 2008).

Os psicopatas procuram comprovar conhecimento em variadas ciências por meio da utilização dos termos técnicos, transmitindo confiabilidade aos menos avisados. Mais um sinal característico deste comportamento é a completa ausência de preocupação que os psicopatas apresentam ao serem desmoralizados como impostores. Eles não demonstram o menor constrangimento caso sejam flagrados em suas lorotas (SILVA, 2008).

Os psicopatas são indivíduos narcisistas. Eles se colocam no centro do universo, pois acreditam que são seres superiores, e que, por isso, devem ser autorizados a viver de acordo com suas próprias regras. O pedantismo de alguns psicopatas aflora, às vezes dramaticamente, perante um juiz num tribunal. Por exemplo, não é incomum que eles critiquem seus próprios advogados e que se encarreguem de suas defesas, geralmente com resultados desastrosos. Os psicopatas se apresentam de uma maneira arrogante, dogmáticos e dominantes. Eles querem ter poder e controle sobre os outros e parecem incapazes de acreditar que outras pessoas possuam opiniões válidas (HARE, 2003).

Apesar de tudo, algumas pessoas acreditam que os psicopatas são indivíduos carismáticos ou fantásticos. Os psicopatas raramente se envergonham de seus problemas legais, financeiros ou pessoais. Em vez disso, eles os veem como fases temporárias, como resultado de má sorte, amigos traiçoeiros ou uma sociedade injusta ou incompetente, pois não assumem a responsabilidade dos seus atos. Embora os psicopatas geralmente afirmem ter objetivos específicos, demonstram não entender o que deve ser feito para alcançá-los, pois não sabem como realizar seus planos. Eles pensam que suas habilidades lhes permitirão atingir qualquer objetivo proposto. Se ocorrerem as circunstâncias necessárias, como, por exemplo, oportunidade, sorte e vítimas adequadas, a sua soberba oferta bons resultados. Por exemplo, é um fato que o psicopata comercial geralmente pensa numa oportunidade imperdível, porém com o dinheiro dos outros (HARE, 2003).

Os psicopatas mostram uma incrível falta de interesse nos efeitos devastadores que suas ações causam aos outros. Eles admitem abertamente que não têm sentimento de culpa e não se arrependem de toda dor e destruição que promovem e afirmam que não há motivo para se preocupar. Para eles o sentimento de culpa é um mecanismo de controle social, ou seja, é um recurso para controlá-los. Por outro lado, os psicopatas às vezes verbalizam algum remorso, mas então contradizem suas ações ou até mesmo declarações posteriores. A ausência de remorso ou culpa dos psicopatas está associada a uma notória capacidade de racionalizar seu comportamento e, assim, livrar-se da responsabilidade de suas ações. Eles causam aflição a suas famílias, amigos, colegas e, é claro, às suas vítimas, mas em face dessas evidências, eles dão desculpas e, em alguns casos, negam que algo tenha acontecido (HARE, 2003).

Quando questionados, os mesmos falam sobre perda de memória, bloqueios, personalidade múltipla e insanidade temporária. Embora às vezes um psicopata admita ter realizado atos infratores, ele minimizará ou mesmo negará as consequências das suas ações nas vítimas. Eles afirmam que suas atitudes nefastas tiveram um efeito positivo sobre seus padecedores. Ironicamente, os psicopatas se veem como vítimas reais, pois pensam que ajudaram

os padecentes com suas condutas nocivas e não merecem ser culpados por tais comportamentos (HARE, 2003).

De acordo com Hare (2003), muitas das características que os psicopatas mostram especialmente egocentrismo, falta de remorso, emoções superficiais e mentiras compulsivas estão associadas com uma profunda ausência de empatia. Eles são incapazes de se colocar no lugar dos outros, exceto em um sentido puramente intelectual. Os sentimentos das demais pessoas não são do seu interesse. De certa forma, os psicopatas são como andróides de ficção científica, pois não têm emoções. Eles são incapazes de imaginar experiências humanas reais. Segundo o autor, os psicopatas enxergam as pessoas como meros objetos que podem lhes dar gratificações. Os fracos e os vulneráveis são seus alvos preferidos.

Para o psicólogo Rieber (1997) *apud* Hare (2003, p.40), no mundo do psicopata, não há ninguém que seja apenas fraco. Aquele que é debilitado é também um imbecil, em função disso, alguém que pede para ser explorado. Para sobreviver fisicamente e psicologicamente, conforme a linha de raciocínio de Hare (2003), alguns cidadãos normais desenvolvem um grau considerável de insensibilidade em relação a grupos específicos de pessoas. Por exemplo, os médicos que são muito empáticos com seus pacientes logo se sentem sobrecarregados e sua efetividade como profissionais diminui. Para eles, é conveniente gerar certa insensibilidade em relação a um grupo específico de indivíduos. Da mesma forma, soldados, gângsteres e terroristas são treinados, eficientemente, para ver o inimigo como menos humano do que ele, como um objeto sem vida interior. Os psicopatas, no entanto, mostram uma ausência de empatia geral. Se eles mantêm suas ligações com suas esposas e filhos, é apenas porque os enxergam como suas propriedades, como seus dispositivos de música ou seus carros, inclusive se importam mais com os seus bens materiais do que os seus entes queridos.

O autor afirma também que, devido à incapacidade de apreciar os sentimentos dos outros, alguns psicopatas são capazes de comportamentos que as pessoas normais acham não apenas horríveis, mas também desconcertantes, como, por exemplo, torturar e mutilar suas vítimas. No entanto, exceto em filmes e romances, poucos psicopatas cometem tais crimes, embora sejam sempre ações devastadoras para os envolvidos: explorar parasiticamente os recursos financeiros e desqualificar os outros; conversar e levar tudo que eles querem de maneira agressiva; despreocupação com as necessidades básicas de suas famílias ou com seus bem-estares físico ou emocional; manter relações sexuais impessoais e triviais sem restrição entre outros exemplos.

Os psicopatas possuem talentos naturais para mentir, enganar e manipular as pessoas. Dotados de uma grande imaginação e focados em si mesmos, eles parecem incrivelmente alheio à possibilidade de serem descobertos. Quando são desmascarados ou questionados com a

verdade apresentada por outras pessoas, eles não ficam envergonhados. Simplesmente mudam suas histórias ou reordenam os fatos de uma maneira que parece consistente com a mentira. O resultado é uma longa série de contradições e um ouvinte cada vez mais confuso. Os psicopatas se orgulham de sua capacidade de mentir (HARE, 2003).

Muitos observadores, entretanto, têm a impressão de que os psicopatas não percebem quando mentem. A indiferença dele em ser descoberto é extraordinária, pois faz com que a vítima em potencial considere sua própria capacidade psíquica. É por isso que é tão frequente que o psicopata inventa uma mentira. Com esta astúcia e facilidade de mentir, não é de surpreender que os psicopatas sejam tão bem sucedidos em trapacear, enganar e manipular os outros e não sentir o menor remorso pela sua postura. Além disso, eles são muito espertos quando se trata de descobrir quais são estes pontos fracos para usá-los em benefício próprio. Esta grande habilidade de enganar as pessoas concede aos psicopatas uma enorme facilidade para perpetrar fraudes, peculatos e roubo de identidade. Eles promovem fundos de ações falsos e vendem propriedades inexistentes. Simplesmente aplicam golpes de todos os tipos e tamanhos (HARE, 2003).

Na análise de Hare (2003), os psicopatas sofrem de uma espécie de pobreza emocional que limita o alcance e a profundidade de seus sentimentos. Eles são seres frios e sem emoção, mas existem momentos em que demonstram sentimentos, embora superficialmente. Segundo o autor, os estudiosos sobre o tema têm a impressão de que os psicopatas agem e não mostram o que sentem. Os psicopatas dizem que experimentam fortes emoções, mas não conseguem descrever as sutilezas de diferentes estados afetivos. Para os psicólogos Johns e Quay (1962, p.217-220) *apud* Hare (2003, p.45), o psicopata “sabe as palavras, mas não a música da canção”. Conforme Hare (2003), muitos especialistas comentam que as emoções dos psicopatas são tão superficiais que podem ser consideradas proto-emoções, isto é, respostas primitivas às necessidades imediatas.

Ainda segundo Hare (2003), experimentos de laboratório usando gravações biomédicas mostram que os psicopatas carecem das respostas fisiológicas normais associadas ao medo, portanto não hesitam em correr riscos independentemente dos resultados das suas ações. Os psicopatas não experimentam as sensações corporais inerentes da fobia. Para eles, o temor e o resto das emoções são banais e superficiais.

Em conformidade com as ideias de Hare (2003), os psicopatas não gastam muito tempo analisando os prós e os contras das suas atitudes ou considerando as possíveis consequências. Em vez do temperamento, seus atos impulsivos são o resultado de uma motivação que desempenha um papel fundamental no seu comportamento: alcançar satisfação, prazer ou alívio imediato.

O autor afirma que os psicopatas ignoram as necessidades dos outros, vivem e mudam seus planos frequentemente. Eles não se importam com futuro, pois não se preocupam com o que acontecerá amanhã. Na verdade, não se importam com o passado também. O importante para tais seres é viver o momento, ou seja, são imediatistas.

Além de serem impulsivos, os psicopatas reagem rapidamente ao que percebem como insultos ou ameaças. A maioria dos indivíduos tem poderosos controles inibitórios sobre o seu comportamento, isto é, mesmo se quisesse reagir agressivamente, não poderia fazê-lo. Nos psicopatas, tal contenção proibitiva é fraca e a menor provocação é suficiente para irritá-los. Como resultado, eles são estressados e respondem à frustração, fracasso, disciplina e críticas com violência súbita, ameaças e ataques verbais. Simplesmente se ofendem facilmente. Os psicopatas sentem raiva e são agressivos contra trivialidades e, frequentemente, em situações que parecem inadequadas para os outros. Mas seus ataques de fúria frequentes, que podem ser extremas, geralmente são de curta duração e, assim que o episódio termina, eles agem como se nada tivesse acontecido (HARE, 2003).

Embora os psicopatas tenham um início precoce e mostrem comportamentos agressivos velozmente, seu comportamento não está fora de controle porque eles têm ciência dos seus atos. Suas ações agressivas são frias. Eles não possuem a emoção que as pessoas normais sentem quando perdem a paciência. Não é de se surpreender que os psicopatas inflijam dano físico ou emocional grave para as vítimas, por vezes, rotineiramente, e, simultaneamente, rejeitem os estragos acarretados para as pessoas. Na maioria dos casos, eles enxergam seus sinais de agressão como respostas naturais à provocação (HARE, 2003).

Os psicopatas possuem uma necessidade de excitação constante, pois querem vivenciar situações mutáveis e diferentes rotineiramente. Em muitos casos, a ação é quebrar flagrantemente as normas sociais para satisfazer os seus desejos. Alguns psicopatas tomam uma grande variedade de drogas como parte de sua busca por algo novo e excitante, e regularmente mudam de um lugar para outro, de postos de trabalho e empresas, em busca de uma nova e refrescante agitação. Muitos psicopatas declaram que cometem atos transgressores por puro entusiasmo ou exaltação. A parte negativa desta busca por excitação é a incapacidade de tolerar a monotonia ou a rotina (HARE, 2003).

Segundo Hare (2003), os psicopatas se entediam facilmente. É improvável que eles se encontrem em ocupações ou atividades chatas e repetitivas ou que exijam intensa concentração por longos períodos de tempo. Desta forma, na concepção de Hare (2003) é improvável que o psicopata seja bom espião, terrorista ou mafioso, pois sua impulsividade, seu senso de imediatismo e sua ausência de lealdade o torna imprevisível.

Obrigações e compromissos são insignificantes para os psicopatas. Suas boas intenções são lorotas. Histórias sobre apropriação indébita e empréstimos não quitados, por exemplo, revelam como a questão das dívidas é conduzida. A irresponsabilidade e baixa credibilidade dos psicopatas se estendem a todas as esferas de suas vidas. Seu desempenho no trabalho é errático, com frequentes ausências, mau uso dos recursos da empresa, violações da política comercial e traição da confiança depositada neles. Eles são incapazes de manter compromissos com pessoas, organizações ou princípios éticos. Tal indiferença ao bem-estar de seus filhos e dos cônjuges é constante nos psicopatas. Eles não hesitam em usar os recursos da família e de seus amigos para sair das dificuldades, por exemplo. Simplesmente, tais seres não são impedidos pelo fato de que suas ações podem causar estragos em outras pessoas (HARE, 2003).

A maioria dos psicopatas mostra problemas comportamentais importantes desde cedo. Estes problemas podem variar de constante mentira para roubo, absenteísmo escolar, vandalismo, abuso de substâncias, fugas de casa, provocação de fogo, violência, mau comportamento de classe e sexualidade precoce. Como muitas crianças demonstram alguns destes comportamentos em um momento ou outro, especialmente crianças criadas em famílias disfuncionais, é importante enfatizar que a história de tais condutas do psicopata é muito mais séria e prolongada do que em outros, mesmo se comparando com as crianças que vêm da pior extração social e familiar. A criança psicopata geralmente é oriunda de uma família equilibrada, mas de repente começa a roubar, utilizar drogas, brincar e ter experiências sexuais com a idade entre 10 a 12 anos. Atitudes cruéis precocemente contra os animais geralmente é um sinal claro de problemas emocionais e comportamentais (HARE, 2003).

Por sua vez, os psicopatas adultos descrevem sua crueldade infantil em relação aos animais como fatos comuns e até divertidos. Crueldade com outras crianças também faz parte da incapacidade de experimentar a empatia necessária para apaziguar os instintos que os seres humanos possuem para infligir dor aos outros, mesmo quando estão com raiva (HARE, 2003).

Embora nem todos os psicopatas adultos apresentem tais sinais de crueldade em sua juventude, praticamente todos entram em uma grande variedade de particularidades: mentiras, roubo, vandalismo, promiscuidade, entre outros exemplos. É interessante, no entanto, observar como a mídia informa para o público sobre a surpresa de vizinhos e testemunhas desses atos. Tal espanto reflete não apenas a capacidade do psicopata de manipular a impressão passada aos outros, mas a pouca atenção que é concedida ao início da história destas pessoas (HARE, 2003).

Os psicopatas consideram que as regras e expectativas da sociedade são inconveniências, impedimentos irracionais para a plena expressão de suas ambições e desejos. Eles estabelecem suas próprias regras, como crianças bem como adultos. Crianças impulsivas e mentirosas que

não têm empatia agirão da mesma forma quando adultos. A continuidade do comportamento antissocial e egoísta dos psicopatas é impressionante. Em grande parte, este seguimento é o que motiva muitos pesquisadores a afirmar que o aparecimento precoce de comportamento antissocial é um bom indicativo de crime e outros problemas de comportamento em adultos. Diversos atos antissociais executados pelos psicopatas os levam diretamente à cadeia. Eles se destacam mesmo nos ambientes penitenciários porque suas atividades antissociais ou ilegais são mais variadas e frequentes que as de outros criminosos. Os psicopatas não têm uma especialidade delituosa, mas tentam de tudo um pouco, sentindo-se orgulhosos por isto. Nem todos os psicopatas são presos. Muitos de suas ações estão fora do escopo da lei ou estão no contexto onde o legal e o ilegal se mesclam (HARE, 2003).

Para muitos, seu comportamento antissocial consiste em realizar negócios questionáveis, práticas profissionais antiéticas, abusar de suas esposas ou filhos ou fazer uso irresponsável dos fundos da empresa, para citar alguns exemplos. O problema com comportamentos deste tipo é que eles são difíceis de documentar e avaliar sem a ajuda de familiares, amigos, conhecidos ou parceiros (HARE, 2003).

Considerando-se as opiniões de Cleckley e Hare, pesquisadores expoentes a respeito da psicopatia, percebem-se divergências de ideias entre ambos. Para Cleckley (1988) e Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288- 292), a psicopatia é uma doença mental originalmente inata, mas não hereditária, enquanto para Hare (2003), trata-se de um desvio de conduta social, descaracterizado como uma doença, proveniente da combinação de elementos biológicos, psicológicos e genéticos, existindo a forte interação com o espaço socioambiental. Outro ponto de desacordo entre os autores é a relação existente entre o conceito de psicopatia e o TPA. Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292) aproximou a definição de psicopatia em torno da personalidade antissocial, influenciando as definições da OMS e da APA. Porém, Hare (2003), afirma que tal aproximação é desacertada, pois TPA refere-se principalmente a um grupo de comportamentos criminosos e antissociais. Para ele, o psicopata pode apresentar algumas condutas antissociais quando adulto em conformidade com a PCL-R, porém não significa que também seja portador do TPA.

Silva (2008), autora do livro *Mentes Perigosas – O psicopata mora ao lado*, define e caracteriza o psicopata. A escritora opta em unificar as variadas nomenclaturas empregadas para conceituar a psicopatia, utilizando o termo psicopata, conforme abaixo:

Os psicopatas em geral são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. Eles são incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocar no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos. Em maior ou menor nível de gravidade e com formas diferentes de manifestarem os seus atos transgressores, os psicopatas são verdadeiros "predadores sociais", em cujas veias e artérias corre um sangue gélido (SILVA, 2008, p.32).

Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, personalidades amorais, entre outras. Embora alguns estudiosos prefiram diferenciá-los, no meu entendimento esses termos se equivalem e descrevem o mesmo perfil. No entanto, por uma questão de foro íntimo e visando facilitar a compreensão, o termo psicopata será o utilizado neste livro (SILVA, 2008, p.12).

Em face de tantas divergências e com o intuito de facilitar o entendimento, resolvi unificar as diversas nomenclaturas e empregar apenas a palavra psicopata. Seja lá como for uma coisa é certa: todas essas terminologias definem um perfil transgressor. O que pode suscitar uma pequena diferenciação entre elas é a intensidade com a qual os sintomas se manifestam (SILVA, 2008, p.32).

Silva (2008) avança na explicação, afirmando que a psicopatia é procedente da relação entre uma disfunção neurobiológica e o conjunto de influências educativas que o psicopata recebe ao longo de sua vida. Para a autora, o ambiente é importante na formação do perfil psicopata:

As diversas manifestações das condutas psicopáticas nos levam necessariamente a uma avaliação da importância que o meio ambiente pode ter na apresentação deste transtorno. O ambiente social no qual a violência e a insensibilidade emocional são "ensinadas" no dia-a-dia pode levar uma pessoa propensa à psicopatia a ser um perigoso delinquente. Por outro lado, um ambiente social afetuoso e compensador pode levar essa mesma propensão a se manifestar na forma de um desvio social leve ou moderado (SILVA, 2008, p.160).

A engrenagem psicopática funcionária desta maneira: a predisposição genética ou a vulnerabilidade biológica se concretizaria em uma criança que apresenta o déficit emocional. Uma criança assim possui um sistema mental deficiente na percepção das emoções e dos sentimentos, na regulação da impulsividade e na experimentação do medo e da ansiedade. Nos casos em que os pais (família) realizam de forma muito competente suas tarefas educacionais, essas características biológicas podem ser compensadas ou canalizadas para atividades socialmente aceitas. No entanto, quando o ambiente não é capaz de fazer frente a tal bagagem genética - seja por falhas educacionais por parte dos pais, por uma socialização deficiente ou ainda por essa bagagem genética ser muito marcada -, o resultado será um indivíduo psicopata (SILVA, 2008, p.160).

Silva (2008) prossegue a explanação, endossando que a psicopatia não é considerada uma doença mental, pois os psicopatas não são considerados loucos e nem possuem qualquer tipo de desordem. Também não são acometidos de delírios ou alucinações. Além disso, não apresentam intenso sofrimento mental:

É importante ressaltar que o termo psicopata pode dar a falsa impressão de que se trata de indivíduos loucos ou doentes mentais. A palavra psicopata literalmente significa doença da mente (do grego, *psyche* = mente; e *pathos* = doença). No entanto, em termos médico- psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos, nem apresentam qualquer tipo de desorientação. Também não sofrem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo) (SILVA, 2008, p.32).

Ao contrário disso, seus atos criminosos não provêm de mentes adoecidas, mas sim de um raciocínio frio e calculista combinado com uma total incapacidade de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos (SILVA, 2008, p.32).

Refletindo-se sobre todas as citações diretas acima, a partir do momento que Silva (2008) afirma que os termos psicopatia e TPA são equivalentes, a autora mostra-se adepta da conceituação realizada por Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292) e, conseqüentemente, da APA via DMS V e da OMS através da CID10. Por outro lado, constata-se que a escritora discorda de Hare (2003). No que diz respeito à origem da psicopatia, há uma concordância entre as ideias de Silva (2008) e Hare (2003). Para ambos os autores, a formação do perfil do psicopata é uma combinação de elementos biológicos, psicológicos e genéticos, existindo a forte interação com o espaço socioambiental. Em contrapartida, a autora difere de Cleckley (1988), uma vez que este autor diz que a psicopatia é originalmente inata, mas não hereditária. Em relação ao enquadramento da psicopatia como uma doença, Silva (2008) dissente de Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292), pois não considera o psicopata portador de uma patologia. Desta forma, a autora ratifica a linha de pensamento de Hare (2003), tendo em vista que ambos não consideram o fenômeno da psicopatia como uma doença. A psicopatia se refere a um desvio social e um comportamento social desviante, respectivamente, para Silva (2011) e Hare (2003).

De acordo com Clarke (2011), autor do livro *Trabalhando com Monstros – Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles*, existe um conflito sobre a origem da personalidade psicopata. Para o autor, o psicopata é oriundo de uma mistura de fatores genéticos, biológicos e a interação com o meio ambiente, de acordo com o trecho abaixo:

Existe alguma controvérsia sobre a questão de um psicopata corporativo ser gerado pela natureza (nascido), ou transformado (criado pelo ambiente), ou ser uma combinação dos dois. A ideia de que é uma combinação de genes, biologia e ambiente que produz a síndrome da psicopatia tem um grande alcance (CLARKE, 2011, p.06).

Clarke (2011) progride a esclarecimento, garantindo que os psicopatas não são loucos. Para ele, o psicopata é fundamentalmente ruim e apresenta um distúrbio de personalidade:

Psicopatas corporativos - e psicopatas em geral – não são loucos. O psicopata corporativo é essencialmente mau. Ele está ciente dos efeitos que seus comportamentos têm nas pessoas ao seu redor, mas simplesmente não se importa. Pior: muitos psicopatas corporativos gostam do sofrimento das pessoas ao seu redor (CLARKE, 2011, p.06).

Psicopatia é uma condição para a vida toda. É um distúrbio de personalidade; dessa forma, características são apresentadas constantemente por todos os aspectos da vida do psicopata. No entanto, psicopatas são especialistas em esconder características negativas por trás do que o dr. Harvey Cleckley chama de “máscara de sanidade” (CLARKE, 2011, p.06).

Observando-se todas as citações diretas acima de Clarke (2011), no que se referem à origem do perfil psicopata e a delimitação da psicopatia como uma doença, o escritor confirma as opiniões de Hare (2003) e Silva (2008). Os três autores são unânimes em afirmar que o perfil do indivíduo psicopata é formado através da mescla de aspectos genéticos, biológicos e as experiências no contexto ambiental, discordando da ótica de Cleckley (1988). Ambos os autores, exceto Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292), asseveram que a psicopatia não é uma patologia, mas Clarke (2011) utiliza a terminologia “distúrbio de personalidade” para definir a psicopatia. Elucidando o conceito de louco, tendo em vista que Clarke (2011) diz que os psicopatas não são loucos, segundo Soalheiro (2016), a loucura abordada pela psiquiatria é chamada de psicose, uma deturpação do pensamento e do senso de realidade, que pode prejudicar completamente a vida do paciente. Deslindando a definição de psicose, Mauer (2016), alega que na conceituação psiquiátrica mais próxima da ideia de loucura como comportamento divergente do normal, as psicoses, não são mais do que acentuações de estados mentais próximos do normal.

Desta forma, para Clarke (2011), o psicopata não é doente mental. Uma constatação pertinente na obra produzida por Clarke (2011) é o fato de ele mencionar apenas os termos psicopata e psicopata corporativo. O autor não aborda a questão da diversidade de terminologias para definir o indivíduo psicopata, ou seja, ele não cita os termos sociopata, TPA e transtorno de personalidade dissocial, por exemplo, para definir e caracterizá-lo.

Sina (2017), autora do livro *Psicopata Corporativo – Identifique-o e lide com ele*, considera a psicopatia como uma patologia, isto é, uma doença. A escritora caracteriza o perfil do indivíduo psicopata, enfatizando que o mesmo possui uma mente doentia, porém tem ciência dos seus atos praticados. Para ela, o psicopata é frio e calculista e contempla o sofrimento alheio:

Em adição, a psicopatia é uma das doenças mais difíceis de ser diagnosticada. Mesmo assim, médicos, psiquiatras e psicólogos têm buscado desenvolver uma bateria de testes para a confirmação que dá o diagnóstico da doença (SINA, 2017, p.04).

São desprovidos de remorso, portanto não sentem culpa por nenhum mal que causam às pessoas. Na verdade, não pensam sobre isso, não se colocam no lugar dos outros. Engana-se quem pensa que age assim apenas porque tem uma mente doentia: o psicopata age dessa maneira porque é frio e calculista. E sabe que é assim seu jeito de ser (SINA, 2017, p.11).

O psicopata gosta de sentir e ter a impressão de que controla as pessoas e os fatos à sua volta. Às vezes, porque é doente, apesar de ciente do que faz, ele ataca sem motivo aparente, apenas pelo prazer de ver sofrer alguém mais feliz que ele (SINA, 2017, p.13).

Ponderando-se as três citações acima de Sina (2017), no que concerne a compreensão da psicopatia como uma doença, a autora consente com o ponto de vista de Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292), pois ambos os autores declaram que a psicopatia é uma patologia. Assim, a pesquisadora se opõe as ideias de Hare (2003), Silva (2008) e Clarke (2011), pois tais escritores acreditam que a psicopatia não é uma doença.

Sina (2017) enquadra a psicopatia como um distúrbio ou transtorno de personalidade, ou seja, para a autora, distúrbio (transtorno) de personalidade é uma patologia. A pesquisadora apresenta um breve histórico sobre o estudo da psicopatia, afirmando que se trata de uma doença reconhecida, pesquisada de maneira formal e catalogada pela OMS via CID10:

De uma maneira geral, durante o século XIX, afirma o doutor Claudinei Biazoli, a psicopatia era sinônimo de transtorno mental. Já no século XX, passou a significar transtornos mais sérios de personalidade, mais persistentes e de longa duração. Tais transtornos passaram a ser caracterizados por padrões inflexíveis de comportamento, pensamento e sentimentos que provocam dor e sofrimento para a própria pessoa e para os outros (SINA, 2017, p.19).

Esse tipo de transtorno é identificado e descrito na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), que é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ou seja, é uma doença reconhecida e pesquisada de maneira formal e catalogada no mundo todo. De acordo com a renomada psiquiatra Andrea Kraft, os transtornos de personalidade não são apenas doenças, mas anormalidades da *psique* que resultam num desequilíbrio do afeto e da emoção. Na psicopatia existe claramente falta de emoção positiva e de empatia em relação ao outro, o que pode ajudar na sua identificação. Quando há um exagero na insensibilidade, o indivíduo é chamado de psicopata ou sociopata (SINA, 2017, p.19-20).

O psicopata tem um grave distúrbio de personalidade, sem remorso. Não é uma fase que vai e volta, é algo da própria pessoa, sem ter cura, sem fim. Portanto, se prevenir aprendendo a lidar com eles é a única solução (SINA, 2017, p.48).

Esmiuçando-se as três citações acima de Sina (2017), no que toca a definição da psicopatia como um transtorno (distúrbio) de personalidade, a escritora consente com a conceituação de Clarke (2011). Porém, o ponto divergente e intrigante é que Sina (2017) considera o termo distúrbio de personalidade como uma patologia. Já Clarke (2011), conforme abordado anteriormente, não considera tal termo como uma doença.

Na segunda citação, Sina (2017) afirma que a psicopatia é identificada e descrita na CID10, caracterizando-se como uma patologia. Porém, recorda-se que a OMS via CID10 e a APA através do DMS V não possuem definição técnica para a psicopatia, ou seja, este termo não é catalogado nos principais manuais da área médica no mundo. As definições que mais se

aproximam da psicopatia são o TPA e o transtorno de personalidade dissociada, contidos no DMS V e na CID10, respectivamente.

Sina (2017) discorre sobre os termos psicopata e sociopata. Ela ratifica que existe uma confusão no que tange a variedade de nomenclaturas para definir o perfil psicopata, corroborando com o ponto de vista de Silva (2008). A pesquisadora também aborda a questão da origem do indivíduo psicopata. Para ela, a psicopatia tem origem inata, sofrendo pouca interferência do ambiente:

Cabe ressaltar que existe uma certa confusão quanto à diferença entre psicopata e sociopata. Muito se pode analisar nesse sentido, porém se trata da mesma doença, já que existe uma linha tênue que separa um de outro. Não é o caso aqui de se aprofundar para explicar a diferença entre eles (SINA, 2017, p.05).

Ainda assim, para deixar mais claro, o psicopata tem origem inata (condição genética), sofrendo pouca influência do ambiente. Já o sociopata seria o contrário. Ambos têm distúrbios social de personalidade, o que varia é o grau de consciência (SINA, 2017, p.05).

O psicopata não apresenta sentimento de empatia ou misericórdia, portanto nunca ofenda um psicopata e também nunca confie em nenhum deles. Não arrisque sua análise para detectar se estamos diante de um psicopata ou sociopata, a diferença é pequena, e o risco para distinguir não vale a pena (SINA, 2017, p.05-06).

Averiguando-se as três citações diretas acima, percebe-se a ausência de clareza nas ideias da autora. Segundo a primeira citação, Sina (2017) relata que existe certa confusão quanto à diferença entre psicopata e sociopata. Desta forma, através da primeira afirmação, ela confirma que há uma distinção entre o perfil psicopata e o sociopata. Não é uma suposição. É um fato. A autora atesta que há certa confusão quanto à divergência entre os distúrbios. Posteriormente, a escritora declara que se trata da mesma doença, contradizendo-se.

Finalizando, Sina (2017) reitera a presença de uma linha suave que separa a psicopatia da sociopatia, ou seja, não é a mesma patologia, já que existe uma leve linha que afasta a psicopatia da sociopatia. Talvez, a autora deseja dizer que a psicopatia e a sociopatia pertencem à mesma categoria patológica, porém são doenças distintas. Ou seja, a psicopatia e a sociopatia são subcategorias que estão na mesma categoria, no caso, a de distúrbio social de personalidade, mas tal hipótese não pode ser legitimada, tendo em vista que Sina (2017) não certifica tal teoria. De acordo com a segunda citação, Sina (2017) apoia parcialmente os pontos de vista de Hare (2003), Silva (2008) e Clarke (2011), afirmando que a psicopatia tem origem inata, sofrendo pouca influência do ambiente. Para os outros três pesquisadores, a ação exercida pelo meio social é mais significativa do que a exposta por Sina (2017), destoando da ideia da autora. Desta forma, Sina (2017) aproxima-se quase que totalmente do pensamento de Cleckley (1988), já que tal

escritor afirma que a psicopatia é inata, porém não hereditária. A autora diferencia os elementos formadores da psicopatia e da sociopatia, subentendendo que são transtornos distintos. Tal análise foi efetuada pela escritora conforme a primeira citação, gerando ambiguidade na interpretação das ideias.

Sina (2017) continua a ilustração, correlacionando a psicopatia com o TPA. Para a autora, a tendência a ser antissocial é o traço mais acentuado no psicopata:

A tendência a ser antissocial é um dos mais comuns sinais para determinar se uma pessoa é psicopata. São impulsivos por natureza e tendem a pensar mais em si mesmos do que em qualquer outra coisa. Ser antissocial significa não ver na sociedade nada além dos seus próprios interesses, que serão melhor preenchidos se puderem usar as pessoas para obter seus desejos. Aliás, desejos esses que nem sempre passam pela razão (SINA, 2017, p.31).

No transtorno de personalidade antissocial existe um padrão constante de violação dos direitos dos outros e de desrespeito às regras. No caso do psicopata, nem sempre ele fará isso “à luz do dia”, ou seja, muitas vezes será feito de forma dissimulada. Vamos detalhar um pouco mais o transtorno de personalidade antissocial, pois é a que me parece ser mais marcante no psicopata (SINA, 2017, p.53-54).

Esquadrinhando-se as duas citações diretas acima, conclui-se que Sina (2017) alinha-se a ótica de Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292) e, conseqüentemente, da APA via DMS V. A autora também corrobora com o discurso de Silva (2008), pois esta pesquisadora unifica todas as terminologias, consoante abordado anteriormente. Em contrapartida, ela se distancia do ponto de vista de Hare (2003), que distingue os dois termos, outrora explicado.

Na concepção de Sina (2017), a fuga da realidade é uma característica peculiar do psicopata. Para a autora, tal traço é marcante na personalidade do indivíduo, correlacionando-o com a esquizofrenia:

Essa característica do psicopata nos faz pensar na esquizofrenia, porque, neste sentido, a pessoa acometida pela doença se mantém fora da realidade. A esquizofrenia é uma doença mental que se manifesta por meio de delírios, alterações do pensamento, alucinações, alterações do afeto etc. No caso do psicopata, às vezes, me parece que há uma ou mais dessas características, pois, enquanto mente e cria histórias, é como se vivesse fora da realidade (SINA, 2017, p.17).

Embora essa doença tenha manifestações claras quando temos algum entendimento sobre o assunto, podemos nos confundir ao conviver com esses seres cruéis. Eles podem parecer destemidos e determinados, porém, em alguns casos, escondem uma falta de motivação que os levará objetivos irrealistas de longo prazo. Isso ocorre também porque têm tendência a não se comprometerem com o futuro, pois vivem basicamente para o presente momento. Eu diria até que vivem fora da realidade, num mundo paralelo, sem perceber as reais necessidades da vida. Misturam-se com as pessoas saudáveis e passam a ideia de que estão lutando pelas mesmas ideias, mas não é verdade, eles têm traços que me lembram os esquizofrênicos que vivem fora da realidade (SINA, 2017, p.35).

Diante do exposto acima, Sina (2017) diferencia-se completamente das ideias dos demais pesquisadores, pois estes cientistas afirmam que os psicopatas não são desorientados e não experimentam alucinações, delírios ou o desconforto intenso que caracteriza a maioria dos transtornos mentais, ou seja, não são loucos. Ela é a única autora que associa a psicopatia com a esquizofrenia.

Perante inúmeras discordâncias sobre vários aspectos do psicopata, existe uma convergência unanime entre os principais estudiosos do tema: os psicopatas não podem ser curados. Silva (2008), Clarke (2011), Sina (2017) sustentam esta ideia através das citações abaixo:

Senhoras e senhores, não trago boas-novas. Com raras exceções, as terapias biológicas (medicamentos) e as psicoterapias em geral se mostram, até o presente momento, ineficazes para a psicopatia. Para os profissionais de saúde, este é um fator intrigante e ao mesmo tempo desanimador, uma vez que não dispomos de nenhum método eficaz que mude a forma de um psicopata se relacionar com os outros e perceber o mundo ao seu redor. É lamentável dizer que, por enquanto, tratar um deles costuma ser uma luta inglória. (SILVA, 2008, p.161).

Não existe nenhum tratamento eficaz para a psicopatia porque é um transtorno de personalidade difuso que leva muitos anos para se formar. Uma suposição fundamental de qualquer programa de terapia é que a pessoa buscando tratamento queira ajuda e esteja disposta a mudar seu comportamento. O psicopata não procura ajuda porque vê que seu comportamento de autogratisficação está satisfazendo as suas necessidades (CLARKE, 2011, p.82).

Estudo o tema há muitos anos e cada vez que vejo um texto, uma entrevista, ou falo com algum especialista, percebo que há um ponto comum, que é a insistência de que não há cura para essa doença. [...] O psicopata tem um grave distúrbio de personalidade, sem remorso. Não é uma fase que vai e volta, é algo da própria pessoa, sem ter cura, sem fim. Portanto, se prevenir aprendendo a lidar com eles é a única solução (SINA, 2017, p.46-48).

Além da inexistência de cura para a psicopatia, os programas de tratamento e reabilitação, incluindo o *coaching* executivo, podem piorá-los, pois os psicopatas podem dominar novas técnicas e desenvolver habilidades para controlar e manipular todos ao seu redor, conforme as citações de Silva (2008), Clarke (2011), Sina (2017):

Estudos também demonstram que, em alguns casos, a psicoterapia pode até agravar o problema. Para as pessoas “de bem”, as técnicas psicoterápicas sem dúvida alguma são fundamentais para a superação das suas angústias ou dos seus desconfortos. No entanto, para os psicopatas as sessões terapêuticas podem muni-los de recursos preciosos que os aperfeiçoam na arte de manipular e trapacear os outros. Embora eles continuem incapazes de sentir boas emoções, nas terapias os psicopatas aprendem “racionalmente” o que isso pode significar e não poupam esse conhecimento para usá-lo na primeira oportunidade. Além disso, eles acabam obtendo mais subsídios para justificar seus atos transgressores, alegando que estes são fruto de uma infância desestruturada. De posse dessas informações, eles abusam de forma quase “profissional” do nosso sentimento de compaixão e da nossa capacidade de ver a bondade em tudo (SILVA, 2008, p.165).

“Reabilitar” o psicopata corporativo é uma proposta, no mínimo, difícil. Poucos estudos examinaram o psicopata corporativo, porém os estudos de criminosos psicopatas violentos sugerem que programas de reabilitação podem tornar o psicopata pior. O psicopata pode desenvolver novas habilidades sociais que são usadas para manipular as pessoas de forma mais eficaz. (CLARKE, 2011, p.07).

Pesquisas nos Estados Unidos mostram que reabilitação de psicopatas corporativos não é recomendável, pois eles podem aprender novas técnicas para manipular as pessoas. Imagine o que uma pessoa com as características citadas nesse depoimento faria se tivesse acesso à técnica de entendimento da mente humana (SINA, 2017, p.46).

Acontece que, em alguns casos, não há solução para o problema porque o executivo não irá mudar o comportamento e pior, irá aprender como deve se comportar para parecer que houve uma evolução. Isso é prejudicial à empresa e até para a imagem do profissional em questão. Ou seja, quando esse executivo é levado a esse treinamento, todos os subordinados e pares passarão a vê-lo como alguém que tem deficiências no trato com as pessoas e, portanto, não está capacitado para gerir os negócios e lidar com as pessoas (SINA, 2017, p.66).

Considerando-se as sete citações diretas acima concernentes à possibilidade de cura e os planos para tratamento e reabilitação do psicopata, percebe-se que todos os autores convergem para a mesma perspectiva: não há cura para o indivíduo portador da psicopatia e os programas de recuperação são inefetivos. Cleckley (1955) *apud* Hidalgo e Serafim (2016, p.19) ratifica que o psicopata não se beneficia com tratamentos, porém, as emoções positivas associadas aos psicopatas-primários podem levar a uma visão limitada dos problemas e, por conseguinte, sugerem uma falta de receptividade do programa de reabilitação.

A exceção, no tocante aos projetos de regeneração do psicopata é Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.03-04). A única alternativa possível de tratamento constitui-se na tentativa de alteração comportamental do psicopata até determinado ponto, numa espécie de ação de redução de danos, apelando para o seu senso de egoísmo, conforme explanado anteriormente.

Em face de tantas divergências nas opiniões dos pesquisadores e entidades globais da área médica sobre a diversidade de nomenclaturas, Silva (2008), afirma que os psicopatas são denominados por inúmeros termos, como, por exemplo, sociopatas, personalidades antissociais, personalidades dissociais, personalidades psicopáticas, entre outros. Devido à ausência de uma concordância concreta, a denominação da psicopatia acarreta discussões ao longo do tempo. Na concepção da autora, vários órgãos de saúde e pesquisadores espalhados pelo mundo preferem diferenciá-los de acordo com critérios subjetivos, atrapalhando o público em geral. A APA via DMS V utiliza o termo TPA. Em compensação, a OMS através da CID10 usa a expressão transtorno de personalidade dissocial.

Defronte de inúmeros pontos discordantes nas concepções dos estudiosos e instituições globais da área de saúde sobre a psicopatia, o Quadro 05 retrata as considerações dos principais autores sobre a origem, o enquadramento como uma doença, possibilidade de cura e tratamento

da psicopatia, a utilização de diferentes nomenclaturas equivalentes ao psicopata e aspectos discrepantes. Desta maneira, sintetiza-se através do Quadro 05:

Quadro 05 – Similaridades e Diferenças entre as Ideias dos Pesquisadores

Pesquisadores	Cleckley	Hare	Silva (2008)	Clarke (2011)	Sina (2017)
Crítérios					
Definição	Doença mental (ausência dos sintomas das psicoses)	Comportamento social desviante	Desvio social	Distúrbio de personalidade	Transtorno (distúrbio) de personalidade
A definição alinha-se com a APA e a OMS?	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Utilização de outras nomenclaturas?	TPA	Não	Sim (diversos)	Não	Sim (diversos)
Origem	Inata, porém não hereditário.	Híbrido- fatores genéticos, Biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais (menor grau).
Doença?	Sim	Não	Não	Não	Sim
Cura?	Não	Não	Não	Não	Não
Tratamento?	Não	Muito difícil: tentativa via redução de danos-senso de egoísmo do psicopata	Não (piora a psicopatia)	Não (piora a psicopatia)	Não (piora a psicopatia)
Aspectos discrepantes	-	-	-	-	Única autora que associa a psicopatia com a esquizofrenia

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Complementando o quadro acima, no que diz respeito às discrepâncias de ideias entre os estudiosos referentes à psicopatia, Silva (2008) atesta que os estudos médicos sobre os psicopatas apresentam relevantes obstáculos de serem feitos, porque as amostras realizadas para tal finalidade dependem dos relatos dos avaliados. Desta forma, a pesquisa médica sobre o perfil do psicopata é uma missão profundamente difícil, já que os mesmos não possuem interesse em divulgar uma informação importante para os pesquisadores. Eles buscam permanentemente manipular a verdade para conseguirem vantagens.

Segundo Silva (2008), a utilização de novas tecnologias de neuroimagens contribui para fortalecer o diagnóstico da psicopatia, visto que as pesquisas realizadas direcionam para modificações específicas da atividade cerebral do psicopata. Indivíduos sem nenhum traço de psicopatia manifestaram intensa atividade da amígdala (botão que aciona todas as emoções) e do

lobo frontal (setor do cérebro relacionado à razão), neste último em menor intensidade, quando foram incentivadas a se projetarem praticando atos imorais e malvados. Contudo, quando os mesmos testes foram executados num grupo de psicopatas criminosos, os resultados mostraram uma resposta fraca nos mesmos circuitos.

Silva (2008) faz uma analogia para esclarecer a explicação acima, considerando a amígdala o “coração cerebral”. Desta forma, a autora assegura que os psicopatas são indivíduos sem “coração mental”. Seus cérebros são frios e, conseqüentemente, incapazes de sentir emoções positivas, como o amor, a amizade, a gratidão, por exemplo. Para a autora, os indivíduos portadores da psicopatia têm grave “miopia emocional” e, a partir do momento que não sentem tais emoções positivas, suas amígdalas interrompem a transmissão, de maneira adequada, as informações para que o lobo frontal (parte racional do cérebro) seja capaz de estimular comportamentos. Desta forma, chegam poucos dados do sistema límbico (responsável pelas emoções) para o lobo frontal (parte racional e executivo do cérebro), que, sem informações emocionais, programa um comportamento lógico e racional, porém destituído de afeto.

Silva (2008), partindo do princípio de que a modificação inicial dos psicopatas é uma amígdala hipofuncionante, ou seja, deficiente, expõe os cenários abaixo:

- a) Psicopatas pensam muito e sentem pouco. Suas ações são racionais e a razão tende sempre a escolher, de forma objetiva, o que leva à sobrevivência e ao prazer. De forma primitiva a razão usa a “lei da vantagem” sempre. Essa forma de pensar privilegia o indivíduo e nunca o outro ou o social (SILVA, 2008, p.159).
- b) Como espécie, os homens evoluíram muito evoluíram muito mais por sua capacidade de cooperação social do que por seus atributos individuais. Assim, podemos perceber que os psicopatas são seres cujas tomadas de decisão privilegiam sempre os interesses individuais e/ou oligárquicos mesquinhos e nunca o social e/ou o coletivo de conteúdo solidário (SILVA, 2008, p.159).
- c) Sem conteúdo emocional em seus pensamentos e em suas ações, os psicopatas são incapazes de considerar os sentimentos do outro em suas relações e de se arrependerem por seus atos imorais ou antiéticos. Dessa forma, eles são incapazes de aprender através da experiência e por isso são intratáveis sob o ponto de vista da ressocialização (SILVA, 2008, p.159).

Diante do exposto acima, Silva (2008) conclui que não existem dúvidas de que os psicopatas possuem uma deficiência na conexão das emoções com a razão e a conduta. A autora frisa que eles não têm uma lesão nos córtex pré-frontais (relacionado a ações diárias da espécie utilitarista) e na amígdala (botão que aciona todas as emoções). A pesquisadora atesta que os pacientes que possuem tais degenerações ocasionadas por hemorragias, isquemias, traumatismos ou tumores exprimem atitudes que recordam as ações realizadas pelos psicopatas, pois são indiferentes com as demais pessoas e consigo mesmas. Ademais, os pacientes de lesão cerebral

se apresentam inaptos de se adequar de maneira cabível a uma ocupação profissional, a sua família e a seus amigos, ou seja, ao meio ambiente. Todavia, os psicopatas manifestam essas disfunções em níveis oscilantes. A escritora finaliza, exemplificando que alguns dos indivíduos psicopatas estudam com afinco, outros são bem sucedidos nas suas carreiras profissionais. Existem aqueles que praticam transgressões desde pequenos e, no pior cenário possível, há os que podem levar uma vida supostamente ajustada, porém paralelamente praticam crimes desumanos e asquerosos.

Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.04) garante que os psicopatas sabem a diferença entre certo e errado. Ele corrobora com a Silva (2008) ao afirmar que o cérebro dos psicopatas apresenta diferenças físicas e funcionais, porém que tais diferenças não significam que eles sejam anormais, defeituosos ou possuam qualquer deficiência. Eles são simplesmente diferentes. O autor, a partir da perspectiva da psicologia evolutiva assegura que, o que os psicopatas fazem tem muito sentido. Para ele, tentar entender tais indivíduos é que é muito difícil. O escritor utiliza uma metáfora envolvendo dois animais: o gato e o rato. O rato não entende porque o gato o persegue e o gato não entende porque o rato reclama de algo que o gato foi criado para fazer: perseguir o rato.

A partir dessa perspectiva, a psicologia evolutiva diz que os psicopatas são produtos da natureza, da evolução, e que existem para desempenhar certas funções na sociedade. O maior problema para a vítima do psicopata é que enquanto o rato sempre sabe quem é o gato, é difícil identificar o indivíduo psicopata. Para o pesquisador, os tribunais ao redor do mundo terão de determinar se a psicopatia é uma doença ou não e se isso reduz a responsabilidade criminal. Esta decisão é complexa, tendo em vista que cada localidade possui hábitos e costumes dentro da psicologia.

No âmbito jurídico, diante da inexistência de definição médica e legal no que se refere à psicopatia, no Brasil, o entendimento jurisprudencial nacional, devido à falta de um consenso definitivo sobre o conceito de psicopatia bem como a carência de métodos efetivamente aptos para diagnosticar com objetividade essa conduta, a inclusão desses indivíduos ocorre na esfera da semi-imputabilidade, versada no artigo 26, parágrafo único do Código Penal (TOBLER, 2015).

Dessa maneira, há uma perturbação mental que reduz a capacidade de percepção da conduta desviante, mas que não exclui a responsabilidade pela ação praticada. O método de identificação desta conduta deve ser analisado por um perito, através de um exame de insanidade mental, em conformidade com os artigos 149 a 151 do Código de Processo Penal, sendo possível a sua solicitação em qualquer etapa do procedimento criminal. Mesmo que o perito seja favorável

à imputabilidade, prevalece o ponto de vista do juiz, desvinculado quanto ao laudo. Desta maneira, o entendimento do transtorno de personalidade psicopata torna-se complexo e subjetivo, perante a liberdade de escolha do magistrado em relação aquilo que lhe parece mais sensato (TOBLER, 2015).

Coelho, Pereira e Marques (2017) reafirmam o ponto de vista de Tobler (2015), no que se refere à disposição do Código Penal brasileiro e a rara produção doutrinária sobre a temática:

O Código Penal dispõe apenas de forma genérica, sobre a conceituação de imputabilidade, semi-imputabilidade e inimputabilidade, não enquadrando, contudo, os agentes criminosos diagnosticados com psicopatia em uma ou outra classificação (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

Ademais, verificou-se que a escassa produção doutrinária a respeito do tema, deixa os juízes, por muitas vezes, sem qualquer embasamento teórico para decidir diante de casos que tais de alta complexidade. Por isso, se torna extremamente importante à atuação conjunta do Poder Judiciário e dos profissionais do ramo da psiquiatria e psicologia, os quais, mediante um estudo aprofundado do agente criminoso, sua mente e personalidade, com a consequente confecção do laudo para cada caso, auxiliam de forma especial no enquadramento da responsabilidade penal do psicopata (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

A inclusão dos psicopatas na esfera da semi-imputabilidade e a importância do laudo psiquiátrico para fundamentar a decisão do magistrado são mais duas observações convergentes entre o ponto de vista de Coelho, Pereira e Marques (2017) e Tobler (2015):

A pesquisa jurisprudencial realizada, em especial dos arestos do TJDFT e do TRS, demonstrou que os Tribunais têm entendido que o psicopata, a despeito de possuir capacidade de entendimento (cognitiva) preservada, não consegue, por vezes, se determinar diante da situação (capacidade volitiva), resultando, assim, na semi-imputabilidade, prevista no art. 26, parágrafo único, do Código Penal (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

Diante de tais considerações, foi possível concluir que, via de regra, o psicopata não é inimputável. Contudo, a conclusão quanto à sua imputabilidade ou semi-imputabilidade depende da análise do caso concreto e, sobretudo, de um embasamento em laudo psiquiátrico (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

De acordo com Coelho, Pereira e Marques (2017), a punição adotada pela justiça é apropriada diante da completa inutilidade de qualquer tratamento psiquiátrico ou psicológico visando à cura do psicopata, pois a psicopatia é incurável e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de reincidência criminal, que pode expor a sociedade em risco novamente:

Ademais, à luz do que foi pesquisado, foi possível concluir que a solução adotada pelos Tribunais, alternativa à soltura do psicopata quando do término de sua pena/medida de segurança, é a decretação da interdição no âmbito civil, com a posterior internação compulsória em hospital psiquiátrico ou estabelecimento congênere (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

Examinando-se as opiniões de quatro autores, Tobler (2015), Coelho, Pereira e Marques (2017), no que tange a carência de definição legal no Brasil, a respeito da categorização do psicopata, conclui-se que alguns elementos são determinantes para tal insuficiência presente no Código Penal brasileiro. O primeiro fator é a inexistência de definição médica no enquadramento da psicopatia. Este aspecto, conforme abordado anteriormente, não é um limitador exclusivo no contexto nacional, ou seja, diversos países apresentam o mesmo dilema, pois não existe o alinhamento de pensamentos para a definição própria do conceito de psicopatia, outrora explicado. O segundo elemento é a necessidade da atuação conjunta do Poder Judiciário e dos profissionais da área psiquiátrica, psicológica e neurológica. Estes especialistas, pesquisadores sobre o fenômeno da psicopatia, munidos de laudos médicos, devem auxiliar a tomada de decisão do magistrado para o correto enquadramento da responsabilidade penal do psicopata.

Para Trindade (2015), a questão da psicopatia não interessa apenas à criminologia, à psicopatologia ou ao direito penal. O autor diz que se vincula à democracia, pois é muito árduo determinar a justa medida entre psicopatia e as seguintes esferas: punição, segurança social e tratamento. Para o escritor, a psicopatia constitui um dos mais graves problemas e conceitos da psicologia, e serve como exemplo do impacto causado por um tema de um determinado campo, no caso o psicológico, pode repercutir em outras áreas da sociedade, concordando com as linhas de raciocínio de Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.03-05), Tobler (2015) e Coelho, Pereira e Marques (2017).

Trindade (2015) realça que os psicopatas põem amplos desafios à ciência e ao direito. Ele questiona diversos pontos não desvendados sobre o fenômeno da psicopatia, como, por exemplo, se tem cura, quais as suas causas, se penas severas solucionam o problema do comportamento do psicopata. O autor questiona-se a respeito da psicopatia ser ou não ser considerada uma doença mental. Ele afirma que, por tais questões passam profundas teorias jurídicas, neuropsiquiátricas, psicológicas e sociológicas. Contudo, nenhuma delas responde definitivamente essas dúvidas. Desta forma, o escritor enfatiza que se sabe muito pouco sobre a psicopatia e o comportamento dos psicopatas.

Caso a psicopatia seja considerada como uma doença mental gera-se, do panorama jurídico e processual, um sério problema, tendo em vista que, se um indivíduo comete um crime em tal condição, poderá ser considerado não responsável pelos seus atos, ou seja, inimputável e, conseqüentemente, isento de pena. Assim, de acordo com a lei penal, o psicopata terá que cumprir medida de segurança, porque pessoas que possuem uma doença mental não conseguem entender a natureza ilegal do seu ato ou se comportar de acordo com essa compreensão, precisando de um tratamento especializado (TRINDADE, 2015).

Em contrapartida, Trindade (2015) diz que a psicopatia não configura uma doença mental do mesmo modo que a esquizofrenia, a depressão psicótica ou os transtornos delirantes, por exemplo. O escritor evidencia que os psicopatas não deliram e não rompem com o princípio da realidade, corroborando com os pontos de vista de diversos autores explicitados anteriormente.

Diante disto, o pesquisador atesta que os psicopatas são considerados a máscara da sanidade, em alusão ao título da obra de Cleckley, *The Mask of Sanity*, primeira versão lançada em 1941, mas não devem ser a máscara da justiça. O autor sustenta que indivíduos com o perfil psicopata não merecem benefícios jurídicos da mesma maneira de pessoas que cometem uma transgressão em circunstâncias excepcionais, famintas, por exemplo. Para Trindade (2015), o delito é um acontecimento, uma ação ou omissão, não uma estrutura de funcionamento mental. Ele alega que um indivíduo pode cometer uma infração sem, necessariamente, ser um criminoso, como uma pessoa pode ingerir bebida alcoólica sem, contudo, ser um alcoólatra.

De outro modo, se a psicopatia for considerada exclusivamente uma doença mental como as demais catalogadas, segundo Trindade (2015), o assunto que se indaga é a respeito de sua possibilidade de cura. O escritor questiona a relação entre a psicopatia e a resposta aos tipos de tratamento disponíveis, já que os resultados não são animadores. Por outro lado, o autor converge com as explicações de Silva (2008) e Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.04) no que se refere à importância da utilização de novas tecnologias de neuroimagens para fortalecer o diagnóstico da psicopatia. O autor reconhece que pesquisas modernas realizadas por imagens do cérebro evidenciam que os psicopatas apresentam uma alteração orgânica e funcional da área cortical do lobo frontal, por volta de 11% menos que da chamada zona cinzenta lobo pré-frontal (região da testa), onde estabelecem funções relacionadas com a ação e a inibição do comportamento.

De acordo com o pesquisador, tais estudos neurológicos indicam que a psicopatia é uma doença e, desta forma, o resultado judicial inclina-se para a direção da inimputabilidade do indivíduo. Porém, na perspectiva legal, além de questões de política criminal e segurança social, para o escritor, esta não é a melhor solução. Ele argumenta que não se pode premiar a pessoa que assume a delinquência como estilo de vida. Para Trindade (2015), enquadrar a psicopatia como uma condição de caráter moral do indivíduo, e não uma doença mental pode ser a solução racional e jurídica para responsabilizar os psicopatas por seus próprios atos e, conseqüentemente, totalmente imputáveis (culpáveis) e passíveis de pena.

Babiak e Hare (2006), autores da obra *Snakes in Suits – When psychopaths go to work*, afirmam que a maioria dos trabalhadores é composta por cidadãos honestos, leais, cumpridores da lei e que desejam contribuir para a formação de uma sociedade melhor. Todavia, outros são mais individualistas e egocêntricos, tendo pouca consideração pela justiça e pela igualdade. No

mundo dos negócios existem alguns indivíduos que permitem que as responsabilidades e o poder inerente aos cargos de liderança substituam seus valores morais. Para os autores, a elevação no número de relatos de assédio moral em grandes companhias não pode ser encarada com espanto, diante do aumento da acessibilidade ao poder irrestrito, recursos de proporções inimagináveis e a disseminação de condutas éticas e morais questionáveis. Porém, há outro grupo nas organizações cujos comportamentos e atitudes são potencialmente mais destrutivos para a empresa e seus colaboradores do que aqueles notavelmente motivados por ganância ou egocentrismo. Este grupo demonstra um transtorno de personalidade, enraizado em mentir, manipular, enganar, são egocêntricos, insensíveis e outras características destrutivas. Segundo os escritores, os indivíduos inclusos nessa categoria são chamados de psicopatas corporativos.

Além dos problemas ocasionados para seus cônjuges, amigos e membros da família por causa de seus comportamentos abusivos, os psicopatas corporativos são extremamente prejudiciais para os relacionamentos profissionais. A ideia de grandiosidade, o senso de direito e a ausência do pensamento de coletividade geram conflitos com chefes e colegas de trabalho. A impulsividade e a filosofia de vida baseada no senso de imediatismo os levam a repetir estas e outras disfuncionalidades e atitudes deploráveis, antiéticas e antiprofissionais, apesar das avaliações de desempenho e programas de treinamento. Muitos especialistas acreditam que estas características proporcionam uma carreira de sucesso em longo prazo para os psicopatas corporativos nas empresas. Porém, o impacto destrutivo propiciado pela atuação do indivíduo psicopata desmente o pensamento anterior. Os crimes contra empresas e instituições, como, por exemplo, crimes econômicos ou colarinho branco, tais como fraude, apropriação ou manipulação indébita, além dos diversos danos emocionais e físicos gerados contra os colegas que trabalham em tais organizações, refletem o caos instaurado pelo psicopata corporativo (BABIÁK; HARE, 2006).

Para Babiak e Hare (2006), a quantidade de psicopatas corporativos é expressiva em cargos de liderança, porém são difíceis de serem detectados devido as suas características citadas anteriormente, que camuflam os seus verdadeiros perfis. Seguramente, indivíduos psicopatas representam muito mais do que 1% dos gerentes e executivos de negócios ao redor do mundo considerados em outras pesquisas, contrapondo outros estudiosos que estimam que 1% da população adulta trabalhadora é composta por psicopatas corporativos. Os autores relatam que, por volta de 10% da população não pode ser definida como sendo composta de psicopatas corporativos, porém apresentam características do perfil do indivíduo psicopata que são suficientes para impactar negativamente nas pessoas com quem se relacionam no ambiente de trabalho.

Silva (2008) afirma que os psicopatas estão em todos os lugares e em inúmeras profissões. As empresas estatais e privadas constituem um ambiente propício para a ascensão do psicopata corporativo. Indubitavelmente, o papel de liderança em cargos de diretoria executiva ou nível gerencial é um atrativo para o psicopata, pois oferece boas remunerações, gera status social, controle e poder sobre os colegas de trabalho e um vasto território de atuação e influência. A identificação do psicopata corporativo é uma tarefa complicada, pois o pensamento a cerca da psicopatia correlaciona-se com as prisões e os manicômios judiciários. O fato de o psicopata agir com tato e habilidade no âmbito empresarial é outro fator limitante que atrapalha a identificação desse ser, ratificando as ideias de Babiak e Hare (2006).

No ponto de vista da autora, a maioria dos psicopatas utiliza suas ocupações profissionais para conquistar poder e controle sobre as pessoas. Tais profissões podem ajudá-los ainda na camuflagem social daqueles que não possuem uma vida criminosa. Muitos se disfarçam em pessoas responsáveis através de seus empregos. A escritora exemplifica, afirmando que os psicopatas podem ser encontrados em quaisquer atividades, como, por exemplo: policiais que gerem redes de prostituição, juízes que consumam os mesmos delitos que os réus, porém no julgamento os condenam com argumentações legais perfeitas, banqueiros que espalham falsos boatos econômicos na economia. Também estão alguns líderes de seitas religiosas, que exploram sexualmente de seus seguidores, ou ainda políticos e homens de Estado que apenas usam o poder em benefício próprio. Para a pesquisadora, a classe política representa grande ameaça pelo tamanho do poder que pode possuir. Silva (2008) enfatiza a presença dos psicopatas em casos de pedofilia. Para praticarem tal atrocidade, os psicopatas optam em exercer profissões que possibilitam a convivência com crianças. A autora exemplifica, citando professores, chefes de escoteiros, treinadores esportivos, pediatras, religiosos que atuam em colégios, entre dezenas de profissões que exigem convívio com crianças. Estes postos de trabalho ostentam uma fama socialmente reconhecida como ilustres e educativas. Finalizando, a escritora ratifica que o psicopata pedófilo utiliza, de forma artilosa, tal estratégia para se aproximar de suas vítimas, sem provocar desconfianças.

De acordo com Clarke (2011), o psicopata corporativo almeja poder e controle sobre as pessoas, nutrindo-se do tormento imposto aos colegas de trabalho. Eles manipulam pessoas e organizações e prejudicam imensamente as carreiras dos demais colaboradores e, conseqüentemente, a própria empresa. Segundo o autor, os psicopatas corporativos se encontram em todos os tipos de organizações, atuando desde o cargo de executivo chefe até o de menor posto na companhia. “Eles usam um arsenal de técnicas psicológicas destinadas a causar o máximo de confusão e conflito possível dentro da empresa.” (CLARKE, 2011, p.09) Para o

escritor, o psicopata corporativo sente prazer em destruir psicologicamente seus colegas de trabalho.

“Estatísticas dão conta de que, na população mundial, 4% das pessoas sofrem de psicopatia.” (SINA, 2017, p.13) Porém, segundo a autora, é difícil realizar o diagnóstico, porque os psicopatas são indivíduos dissimulados e que apresentam comportamento duplo, isto é, são ótimas pessoas perante a sociedade, entretanto são péssimas na sua intimidade. “Um dos grandes problemas para se identificar a psicopatia dentro do ambiente de trabalho é o fato de ela estar quase sempre ligada a personagens de ficção em livros, filmes e, principalmente, séries de televisão.” (SINA, 2017, p.19) A mentira constitui o eixo central na vida do psicopata. A escritora argumenta que, a forma como se comporta no ambiente de trabalho pode ser totalmente distinta da que vive nos demais espaços sociais, no seu mundo particular, vendendo uma ilusão para quem atua com ele. “No interior das organizações, a psicopatia se disfarça entre pessoas comuns e, com o passar do tempo, se apresentará como fera predadora” (SINA, 2017, p.22).

Sina (2017) caracteriza o psicopata corporativo como charmoso, de personalidade marcante, encantador, inteligente, afirmando que, geralmente, possui uma carreira de sucesso. Para a autora, embora tenha um charme artificial, conquista as pessoas facilmente. Este indivíduo tende a ser e ter uma presença significativa e cativante, causando uma excelente impressão por onde passa até que seja divulgada sua real identidade. O psicopata corporativo através do seu comportamento seguro e afirmativo, além de detentor de um excelente poder de argumentação, analisa minuciosamente as pessoas para controlá-las, visando o próprio benefício.

“Atualmente são confundidas as características de um psicopata com as necessárias para uma gestão em tempos de crise.” (SINA, 2017, p.07) Para a autora, objetividade focada em resultados, agressividade para tomar decisões impopulares, maestria para atuar perante intensa pressão, entre outros atributos que os transformam em excepcionais candidatos para cargos de alta gestão e liderança. Alguns indivíduos, quando inseridos em tal contexto, atuam de maneira competente, agradando seus chefes, porém, por trás, agem de maneira escusa, traindo e fraudando informações. “É interessante perceber que várias das características de um psicopata podem ser confundidas com competência, ou seja, parece que há uma visão conturbada sobre o assunto” (SINA, 2017, p.39).

Para a escritora, o psicopata, devido a sua maneira intensa de enxergar o mundo, realiza mais atividades que os demais colegas de trabalho em geral. “É capaz de iniciar vários projetos ao mesmo tempo, dando a impressão de que produz muito, mesmo que em algum momento ele delegue o trabalho pesado ou desista sem concluir” (SINA, 2017, p.39).

“Como o ambiente permite um comportamento camuflado, a psicopatia se apresenta dentro das empresas também como uma violência moral, já que o psicopata quebra inúmeras regras sociais.” (SINA, 2017, p.21) A autora adverte que, deve-se tomar cuidado com tal conduta, porque desencadeia grande impacto negativo na rotina de trabalho dos demais colaboradores.

Analisando-se os pensamentos de diversos pesquisadores a respeito da atuação do psicopata nas empresas, os Quadros 06 e 07 apresentam outras definições e características deste indivíduo. Observa-se o emprego de distintas nomenclaturas para defini-lo. A utilização de diversos adjetivos para caracterizá-lo também é um aspecto que chama a atenção, conforme abaixo:

Quadro 06 – Definições do Psicopata Corporativo

Pesquisadores	Definições do Psicopata Corporativo
Garrido <i>et al.</i> (2000) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Essas características também são utilizadas para descrever o assediador. Na literatura sobre assédio moral no trabalho, o assediador é descrito como um psicopata corporativo;
Boddy (2005, 2011) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.104).	As expressões psicopata corporativo, psicopata executivo, psicopata industrial e psicopata organizacional descrevem psicopatas que trabalham e que operam no âmbito das organizações e, impiedosamente, manipulam os outros, sem consciência, para promover seus próprios objetivos.
Olivares (2006) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	O assediador é um verdadeiro psicopata organizacional;
Wesler (2008) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Trabalhador que se mantém empregado e ascende profissionalmente com rapidez, através de ações ilícitas;
Boddy, Laydyshevsky e Galvin (2010a) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas que atuam de maneira simpática para alavancar sua carreira, agindo com ações enganosas;
Boddy (2011a) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Trabalhadores de organizações que manipulam pessoas para alcance dos objetivos próprios;
Gudmundsson e Southey (2011) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoa bem sucedida com traços psicóticos não identificados em sistemas de saúde como comportamentos antissociais;
Smith e Lilienfeld (2013) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas que geram destruição para empresas e empregados relacionados aos chefes tóxicos;
Marshal <i>et al.</i> (2015) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas manipuladoras que tem objetivos próprios e atitude impiedosa, sem preocupação com o próximo;

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Quadro 07 – Características do Psicopata Corporativo

Pesquisadores	Características do Psicopata Corporativo
Freitas (2001) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Indivíduos perversos;
Hirigoyen <i>et al.</i> (2003) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Inveja, a apropriação de méritos, o discurso totalitário e a capacidade de culpabilização de outros por suas fraquezas e dificuldades; Personalidade perversa;
Heloani (2004) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Tomam para si méritos de outros e sugam as energias alheias para conseguir o que querem: serem reconhecidos como profissionais eficientes e merecedores de admiração, mesmo que tratem as pessoas de forma arrogante e depreciativa. Com personalidade narcisista e traços destrutivos, acabam por ter sua autoestima estimulada e fortalecida devido à situação gerada.
Hirigoyen (2006) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Pessoas com sede de poder;
Wesler (2008) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.04).	Charme; Determinação;
Heloani (2011) <i>apud</i> Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Narcisistas, habilidosos, carismáticos, políticos, admirados;
Boddy (2011a) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.04).	Carisma; Confiança; Coragem; Persuasivos; Aversão à crítica; Aventureiro; Desarmonioso;
Gudmundsson e Southey (2011) <i>apud</i> Campelo e Sousa (2016, p.04).	Extrovertido; Consciente; Neurótico; Afável; Impulsividade; Busca de emoções; Baixa empatia; Baixa ansiedade; Egocentrismo; Oportunismo; Crueldade; Encantadores; Manipuladores; Ambiciosos; Megalomaníaco, ou seja, apresentar ar de superioridade, além de criticar os outros com frequência, de não estabelecer relação de afeto e de mostrar desinteresse para com os demais.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com o exposto acima, Silva (2008), Clarke (2011) e Sina (2017) definem a missão do psicopata corporativo, conforme as citações abaixo:

Os psicopatas não vão ao trabalho, vão à caça. Como observamos na primeira parte do capítulo, no mundo corporativo a ação dos psicopatas pode ser comparada a de animais ferozes na busca implacável do poder e do domínio sobre o maior número de pessoas possível, assim como os grandes predadores fazem na demarcação dos seus territórios (SILVA, 2008, p.95-96).

Existem dois objetivos para muitos psicopatas corporativos. O primeiro é chegar ao topo pelas recompensas financeiras e o poder que a posição traz. O segundo objetivo para os psicopatas é se deleitar com o sofrimento e a miséria que eles infligem às pessoas com as quais trabalham (CLARKE, 2011, p.08).

Para o psicopata, há um critério de vida corporativo muito claro: os subordinados ou chefes devem ser adulados ou destruídos, pois podem se vingar. Seja uma vingança leve ou grave. Por isso, o predador sabe até que ponto pode ofender para provocar a vingança (SINA, 2017, p.29).

Analisando-se as citações acima, percebe-se que os psicopatas corporativos almejam poder e controle na organização, visando à ascensão no quadro de colaboradores da companhia e, conseqüentemente a obtenção das recompensas financeiras. Silva (2008) e Sina (2017) fazem uma analogia com predadores, ou seja, para elas o psicopata corporativo são grandes feras e

caçadores de escritório, farejando as potenciais vítimas para causar-lhes miséria e sofrimento, em conformidade com Clarke (2011).

Clarke (2011) assegura que uma série de traços de personalidade e comportamentais destaca-se entre os psicopatas corporativos. Tais características podem ser divididas entre as seguintes áreas gerais:

- a) Comportamento empresarial/gerencial;
- b) Comportamento interpessoal;
- c) Características emocionais/individuais.

“Geralmente, as características de conduta empresarial/gerencial são tipificadas por um desejo de aumento de poder e controle dentro da companhia.” (CLARKE, 2011, p.09-10) Desta forma, origina-se um conflito com os demais colaboradores da organização, pois o psicopata corporativo tomará qualquer atitude para obter este poder e o controle. “Ele se delicia com esse conflito, já que a atmosfera de confusão e hostilidade permite que ele continue manipulando a situação para a sua própria vantagem.” (CLARKE, 2011, p.10) Sina (2017) corrobora com a opinião do autor. Para ela, a manipulação é uma característica exacerbada no psicopata corporativo. A autora finaliza, confirmando que ele executará qualquer ação para ganhar. “Perder, para ele, está fora de cogitação” (SINA, 2017, p.29).

“A conduta interpessoal do psicopata corporativo é norteadada por uma falta geral de confiabilidade.” (CLARKE, 2011, p.10) Para o autor, tal comportamento é caracterizado pelo anseio de poder e controle, ausência de consideração pelos sentimentos alheios, manipulação, intimidação e enganação para com os colegas de trabalho e charme maldoso. “A conduta interpessoal gira em torno de servir os próprios interesses, por isso qualquer dano colateral causado em outras pessoas é um bônus ou não tem importância” (CLARKE, 2011, p.10-11).

Para Clarke (2011) as principais características emocionais e individuais do psicopata corporativo são: natureza insensível, senso grandioso de valor próprio, falta de remorso ou culpa, presunção, mentiras patológicas, emoções superficiais, promiscuidade sexual e uma natureza impulsiva. “Essas características individuais e emocionais são a base para os comportamentos empresariais/gerenciais e interpessoais.” (CLARKE, 2011, p.11) O Quadro 08 organiza as características do psicopata corporativo na visão de Clarke (2011):

Quadro 08 – Características do Psicopata Corporativo

Comportamento Empresarial/Gerencial	Comportamento Interpessoal	Características Emocionais/Individuais
Manipulativo (no âmbito empresarial);	Manipulativo (no âmbito interpessoal);	Insensibilidade;
Intolerante/facilmente entediado;	Enganador/maldoso/falso;	Falta de consciência;
Conduta antiética;	Não assume responsabilidade pelas próprias ações;	Grandiosidade/presunção;
Emoções imprevisíveis/superficiais;	Intimidador;	Egocêntrico/narcisista;
Comportamento parasita;	Charmoso/superficial.	Emoções superficiais;
Não se pode contar com ele;		Mentiras patológicas;
<i>Bullying</i> (não necessariamente confinado ao trabalho)		Problemas conjugais;
Busca aumento de poder e controle na companhia;		Promiscuidade sexual;
Cria conflitos entre os membros da organização.		Impulsividade.

Fonte: Clarke (2011, p.12).

Nem todos os psicopatas corporativos apresentam todas essas características. “O que é importante é o padrão de comportamento do psicopata.” (CLARKE, 2011, p.04) Examinando-se as características do psicopata corporativo presentes no quadro 08, nota-se uma significativa semelhança com a Escala Hare PCL-R, já que a referida ferramenta é utilizada para a identificação de quaisquer tipos de psicopatas ao redor do mundo, inclusive os corporativos. O comportamento manipulativo empresarial e interpessoal, atitudes antiéticas, intolerância e o tédio, comportamento imprevisível e as emoções superficiais, comportamento parasita, ausência de confiabilidade e a irresponsabilidade, *bullying* executado no ambiente de trabalho, busca incessante pelo poder e controle na companhia, criação de conflitos entre os membros da organização, mentira contumaz, charme e a presença de emoções superficiais, ou seja, atributos descritos por Clarke (2011) são provenientes do traço mais marcante no perfil do psicopata corporativo: a ausência de consciência, isto é, o psicopata não consegue estabelecer uma relação entre a razão e a emoção, pois o seu aspecto emocional é inexistente e apenas o âmbito racional é utilizado, e exclusivamente a seu benefício próprio, conforme outrora elucidado.

Segundo Clarke (2011), o psicopata corporativo busca alvejar vários perfis distintos de vítima. “Esses tipos de vítima variam conforme a utilidade que podem ter para o psicopata corporativo, bem como o nível de poder e influência que as vítimas têm dentro da empresa.” (CLARKE, 2011, p.06) A aquisição contínua de conhecimento a respeito dos mecanismos utilizados pelo psicopata corporativo, de acordo com o escritor, minimiza sensivelmente a possibilidade de uma pessoa ser manipulada por ele.

“A estratégia mais eficaz que pode ser empregada ao se lidar com o psicopata corporativo é ter um conhecimento detalhado de como eles operam.” (CLARKE, 2011, p.07) Segundo o pesquisador, a partir do momento que o *modus operandi* é compreendido, torna-se mais fácil prever e, inclusive, controlar o comportamento do psicopata corporativo.

2.2 O *MODUS OPERANDI* DO PSICOPATA CORPORATIVO

Babiak e Hare (2006) relatam que os psicopatas corporativos são jogadores sagazes no ambiente empresarial e são mestres da manipulação. O *modus operandi* dos psicopatas corporativos baseia-se na utilização de algumas estratégias e táticas como parte de um processo composto por três fases. Este processo é uma consequência natural da personalidade do psicopata e que em inúmeras situações é mais automático do que conscientemente planejado. Segundo os autores, primeiramente, os psicopatas corporativos avaliam o valor dos indivíduos às suas necessidades e identificam suas forças psicológicas e fraquezas.

Em segundo lugar, manipulam os colegas de trabalho (agora potenciais vítimas), alimentando-lhes mensagens cuidadosamente, enquanto regularmente utilizam as reações de tais colaboradores visando à construção e a manutenção do controle. A segunda etapa do modo de atuação dos psicopatas corporativos é uma abordagem eficaz para lidar com as futuras presas e permite que eles contornem quaisquer ameaças e dificuldades rapidamente e efetivamente perante os demais funcionários da organização quando são confrontados ou ameaçados. A terceira e última etapa, na opinião dos pesquisadores, os psicopatas deixam as vítimas esgotadas e desorientadas, abandonando-as a partir do momento que não são mais úteis à sua ascensão profissional. O Quadro 09 ilustra as etapas da atuação do psicopata corporativo, conforme abaixo:

Quadro 09 – Fases do *modus operandi* do Psicopata Corporativo

Nível	Descrição
Primeira fase	Avaliação
Segunda fase	Manipulação
Terceira fase	Abandono

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para Babiak e Hare (2006), a chance de enganar e manipular os outros são motivadores primários para o psicopata corporativo, já que este almeja o controle e poder na organização. O psicopata utiliza-se do seu poder informal para promover seus objetivos pessoais no contexto empresarial. De acordo com os autores, a partir do momento que se encontram empregados, os psicopatas corporativos procuram identificar quem são as pessoas mais influentes na

organização. Após a etapa de descoberta destes colaboradores, os psicopatas estreitam as relações socioprofissionais e pessoais com os mesmos, preferencialmente de maneira íntima. A intenção dos psicopatas corporativos é criar uma falsa amizade com as potenciais vítimas, pois estas podem ser úteis em algum momento para eles.

Após a fase de identificação de pessoas que podem ser úteis para eles na companhia, os psicopatas criam uma atmosfera de charme, mentiras e enganos, caracterizando a segunda fase do seu *modus operandi*, ou seja, a etapa de manipulação. O primeiro objetivo dos psicopatas é conquistar a confiança dos colaboradores através de gratificações, isto é, falsos elogios para as potenciais vítimas, além da utilização de várias técnicas de gerenciamento de imagem pessoal. A mentira configura-se como uma das habilidades mais eficazes utilizadas pelo psicopata corporativo para obter a confiança dos colegas de trabalho. O psicopata pode construir um caráter fictício, ou seja, uma máscara, apenas para manipular as pessoas ao seu redor. As ausências de empatia, do sentimento de culpa e remorso, características que permitem que o psicopata corporativo identifique suas presas na fase de avaliação, também possibilita que ele engane e manipule estes colaboradores. A capacidade quase patológica de mentir contribui significativamente para o êxito do psicopata em obter a confiança de suas vítimas (BABIAK; HARE, 2006).

Para Silva (2008), o psicopata corporativo, arditosamente e propositadamente, propaga falsas informações para que seja observado positivamente perante as lideranças, enquanto os colegas envolvidos nestas fofocas e boatos sejam malvistas perante os gestores da companhia. De acordo com a autora, o psicopata semeia a discórdia entre os funcionários, jogando-os uns contra os outros. O psicopata corporativo finge-se de amigo, contando aos colegas sobre os colaboradores que o denegriram. A escritora afirma que o psicopata desenvolve contato individual com as pessoas, porém evita situações que necessite tomar partido na presença de toda a equipe de trabalho. Segundo a pesquisadora, o psicopata corporativo se mantém escondido para prosseguir com a estratégia de escalada ao poder.

A partir do momento que a vítima não é mais útil para as ambições do psicopata corporativo, ele abandona-a e procura outra pessoa para explorar e drenar as energias dela. O afastamento é frequentemente súbito, ou seja, o psicopata simplesmente desaparece um dia e pode acontecer que a vítima não perceba o abandono e a troca por outro alvo. A maioria das pessoas sente um pouco de culpa ou arrependimento e deseja se desculpar pelos atos cometidos contra os colegas de trabalho. Os psicopatas corporativos possuem apenas uma vaga contemplação destes conceitos e consideram tais sentimentos como fraquezas. Eles não são influenciados pela possibilidade que as suas atitudes podem ter consequências terríveis para si mesmos e, especialmente, para os demais funcionários da organização (SILVA, 2008).

Parcialmente, este fenômeno ocorre porque o passado e o futuro são menos importantes para eles do que o presente. Os psicopatas corporativos enxergam os demais colegas como objetos ou peões para serem usados e manipulados em prol dos seus objetivos mesquinhos. Desta forma, as pessoas têm valor apenas de acordo com o que elas podem oferecer. Então, saciadas as necessidades dos psicopatas, estes funcionários são descartados e o ciclo se mantém ativo, isto é, outro indivíduo é o “premiado” para ser usado e, posteriormente, abandonado (BABIÁK; HARE, 2006).

Analisando-se as ideias de Silva (2008), alinhada ao ponto de vista de Babiak e Hare (2006), ratifica que os psicopatas corporativos abandonam os colegas de trabalho que havia agradado anteriormente e que não são mais úteis aos propósitos ao seu crescimento na organização. A autora diz que os psicopatas usam a humilhação como recurso para manterem suas vítimas em silêncio. Portanto, as pessoas que sofrem intensamente o assédio moral promovido pelos psicopatas são aquelas menos predispostas a falar sobre as suas experiências. A pesquisadora reitera que, após colocar os colaboradores uns contra os outros, especialmente os gestores, o psicopata corporativo assume o lugar do seu superior imediato, que habitualmente é desligado da companhia ou rebaixado de cargo e função.

Desta forma, o psicopata ascende hierarquicamente na organização, atingindo os seus objetivos iniciais. Segundo Silva (2008), a ausência de consciência e de medo tornam os psicopatas corporativos potencialmente maquiavélicos e perigosos. A autora reafirma que, para eles, violar as regras e exteriorizar seus desejos destrutivos e predatórios sem quaisquer princípios ou culpa são atitudes normais e, por conseguinte, isentas de qualquer autocrítica.

A forma como as corporações são estruturadas também pode colaborar para que indivíduos com comportamento egocêntrico e desonesto alcancem cargos de liderança e poder. Atualmente algumas empresas crescem tão aceleradamente que são forçadas a modificações constantes de colaboradores e cargos. Nesta conjuntura as intrigas, as trapaças dos psicopatas podem ser disfarçadas por muito tempo. São as gestões de crescimento alicerçadas no princípio de que os fins justificam os meios. No desespero de crescer exorbitantemente no mínimo intervalo de tempo, inúmeras instituições adoecem também e corrompem seus alicerces. As organizações doentes propendem a reunir em seus quadros de funcionários indivíduos que combinam com suas adoecidas estruturas. Desta maneira, fortifica-se o caráter inescrupuloso no ambiente corporativo (SILVA, 2008).

De acordo com Silva (2008), em épocas de globalização econômica, a competitividade entre as companhias pode obter proporções extremas, provocando crises nos inúmeros setores empresariais. Nestes contextos, mudanças devem ser feitas rapidamente. Segundo a autora, as

corporações melhores estruturadas e com visão estratégica de médio e longo prazo inclinam-se a agrupar forças em seus próprios colaboradores com o propósito de descobrirem novas e criativas possibilidades que concebam a empresa superar suas fraquezas e regressar à trajetória do progresso robusto e estável sem perder suas concepções fundamentais.

Em contrapartida, para a escritora, as instituições com frágil estruturação administrativa e filosófica se voltam, em circunstâncias emergenciais, a superestimar respostas mágicas e imediatas baseadas em profissionais que interpretam o papel de salvador da pátria. Nestas organizações, o colaborador que tem ou demonstra determinados valores como força, capacidade de convencimento e controle das emoções rapidamente se destacará, porque num primeiro momento suas características são interpretadas como vantagens competitivas no mundo dos negócios. Consoante com a opinião da pesquisadora, um psicopata pode naturalmente simular agregar tais atributos e, ao utilizá-los de forma encantadora e manipuladora, construir uma carreira longa e de êxito em empresas com estruturas deficientes no enfoque material, ideológico e/ou ético.

Segundo Silva (2008), diante do exposto acima, é indispensável no campo profissional a análise de modo analítico e cético sobre a razão de uma pessoa possuir um brilhante currículo. Para a autora, a presença de psicólogos capacitados nas companhias pode ser um diferencial para a identificação dos psicopatas corporativos, pois as pessoas que devem tomar decisões sobre a contratação de colaboradores nem sempre estão devidamente qualificadas e instruídas para encarar os talentos de manipulação e persuasão dos psicopatas. O Quadro 10 pauta algumas dicas para as organizações se prevenirem durante o processo seletivo para a admissão de novos funcionários, visando a não contratação de psicopatas corporativos:

Quadro 10 – Dicas para as Organizações não Contratarem um Psicopata

Dicas para as Organizações não Contratarem um Psicopata
Desconfie de um currículo ostensivo em demasia;
Repare se o candidato apresenta inúmeras mudanças de cargo em pequenos espaços de tempo;
Solicite ao setor de Recursos Humanos que faça contato com o último empregador do candidato;
Na entrevista com o candidato elabore perguntas habilidosas que possam aferir a veracidade das informações contidas no currículo.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Clarke (2011) afirma que a atuação do psicopata corporativo consiste em duas vertentes: a manipulação da empresa e a manipulação dos colaboradores que atuam nela, assemelhando-se com a caracterização efetuada por Babiak e Hare (2006) e Silva (2008). O Quadro 11 enumera os fatores envolvidos no *modus operandi* do psicopata corporativo de acordo com Clarke (2011):

Quadro 11 – Vertentes do *modus operandi* do Psicopata Corporativo

Manipulando Empresas	Manipulando Pessoas
Como o psicopata escolhe seu empregador;	Reconhecimento corporativo e avaliação dos colegas;
Como a empresa escolhe o psicopata corporativo;	Dividir e conquistar;
Candidatar-se ao emprego e entrevista – entrando na empresa;	Cultivar redes de poder e influência;
Políticas do escritório e o psicopata corporativo;	A mecânica da manipulação (cinco estágios);
A polícia empresarial;	Sigilo
Corporações psicopatas?	

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

O psicopata corporativo é o mestre da arte de manipular. A manipulação acontece em todas as fases de sua carreira, ou seja, inicia quando o psicopata se candidata à vaga de emprego e continua enquanto ele galga nos níveis hierárquicos da companhia. Ocasionalmente, quando a manipulação é revelada, o psicopata corporativo está em uma posição extremamente importante que é difícil enfrentar a situação. Isto custa à empresa valores volumosos de dinheiro e pode ser assolador para os colaboradores que atuam com ou para o psicopata corporativo (CLARKE, 2011).

Psicopatas corporativos preferem trabalhar em companhias que passam por modificações, reformulação ou crescimento vertiginoso. Tais ambientes corporativos desordenados tornam mais fácil para o psicopata continuar despercebido por longos períodos de tempo, pois eles se camuflam por trás do caos da empresa. Em algumas situações, o psicopata pode, inclusive, aparentar ser um colaborador em crescimento, já que ele rouba as ideias dos colegas de trabalho e as expõe para a chefia como sendo suas (CLARKE, 2011).

Para Clarke (2011), comumente, o processo seletivo do empregador é muito padronizado. Anunciam o posto de trabalho, recebem e escolhem currículos, entrevistam candidatos em potencial que sejam adequados ao perfil do cargo, fazem auditorias de referências e ofertam o emprego ao melhor postulante. Lamentavelmente, o psicopata corporativo habitualmente parece ser a pessoa certa, pois ele forja o seu currículo e mente sobre si mesmo para se adaptar mais satisfatoriamente ao perfil almejado pelo empregador para o cargo vago. Na opinião do autor, inclusive algumas descrições de emprego publicam traços que o psicopata corporativo tem em demasia, conforme abaixo:

Você precisa ser inovador, com algo especial a oferecer. Sem dúvida, você vai precisar ter liderança e habilidade de influenciar e ser capaz de deslumbrar um grupo de seleção cético. Nós queremos alguém que possa ver o quadro geral e cause um impacto profundo. Sua formação pode ser em... qualquer coisa, você deve ser alguém especial. Salário: mais de \$150 mil por ano (CLARKE, 2011, p.30).

Você precisa ter um grande desejo de realizar coisas, capacidade de persuadir e influenciar outros, excelentes habilidades de comunicação... Você quer trabalhar com os melhores. Você gosta tanto de competir quanto de ganhar. Você acredita em altas recompensas por grandes níveis de desempenho. Salário \$85 mil por ano (CLARKE, 2011, p.30).

Fica comprovado, apoiado nos anúncios acima, que ser mutável, possuir charme superficial, ausência de remorso ou culpa e tendência a se enjoar são particularidades que algumas corporações buscam em seus comunicados. Evidentemente, estas companhias não procuram um psicopata, entretanto os anúncios divulgados podem perfeitamente seduzir o psicopata corporativo, tal como não psicopatas (CLARKE, 2011).

Contraditoriamente do que as pessoas presumem, o psicopata corporativo considera muito fácil conquistar uma posição em inúmeras organizações. Quando se trata de recrutamento, a maior parte das corporações utiliza uma empresa de recrutamento e seleção ou contrata colaboradores diretamente. A seleção de trabalhadores é constituída, em grande parte, na qualidade dos currículos dos aspirantes, na capacidade verbal, nas impressões da liderança e, algumas vezes, na checagem de referências. A *performance* em ocupações anteriores também é averiguada em alguns cargos, contudo, desempenho frequentemente se refere à quantia de dinheiro, às vendas, contas e similaridades, ou seja, atividades pelas quais o candidato era responsável (CLARKE, 2011).

Repetidamente, esta informação normalmente é exibida pelo candidato ao posto de trabalho e é desta maneira, suscetível de ser fraudada, pois o empregador anterior raramente apresentará dados tão sensíveis dos negócios. Posteriormente a fase de análise curricular, vem à etapa das entrevistas. O psicopata corporativo se supera neste momento, visto que utiliza seu charme e sua excelente eloquência, apresentando a imagem do candidato ideal para a posição (CLARKE, 2011).

De acordo com Clarke (2011), a quantidade e o modelo de estratégias empregadas pelo psicopata corporativo para ascender na empresa variam. Isto acontece, pois o psicopata corporativo é um manipulador, inteligente e charmoso, que se porta a cada cenário de forma distinta. Conforme o ponto de vista do autor, existem três propósitos comuns das estratégias manipulativas implantadas nos estágios principiantes da carreira do psicopata corporativo, aproximando-se das ideias de Babiak e Hare (2006) e Silva (2008):

O primeiro objetivo é criar desarmonia entre os colegas de trabalho. Nessa confusão, o psicopata é capaz de jogar as pessoas umas contra as outras sem que elas percebam o que está acontecendo. Simultaneamente, o psicopata corporativo é capaz de se tornar atraente aos olhos da gerência, resolvendo situações aparentemente impossíveis. Ele demonstra sua habilidade de liderança à custa de seu supervisor, que não aparenta ser capaz de resolver a situação criada pelo psicopata (CLARKE, 2011, p.33).

O segundo objetivo é espalhar desinformação sobre rivais de dentro da companhia. Esses rivais incluem colegas de trabalho no mesmo nível do psicopata e também pessoas em posições mais elevadas do que a dele. Geralmente, essa desinformação é espalhada por meio de terceiros dentro da empresa. [...] Ele também pode sabotar o trabalho de outra pessoa, passar para colegas de trabalho, por meio de trapaça, tarefas impossíveis de serem realizadas para que o fracasso seja inevitável, esconder problemas do supervisor até o último minuto para que ele não apresente a produção que é esperada dele e criticar o chefe diretamente para a direção, ignorando a cadeia de comando (CLARKE, 2011, p.33).

O terceiro objetivo das estratégias manipulativas do psicopata é impressionar a gerência – para se mostrar da melhor forma possível. Isso é alcançado ao se assumir o crédito pelo trabalho dos outros (ou mesmo roubando o trabalho), criando crises e, então, “salvando o dia” de forma bastante perceptível, exagerando seus feitos, atravessando a cadeia de comando para impressionar diretores diretamente, fazendo com que terceiros espalhem rumores positivos sobre ele, voluntariando-se para projetos extras sem nunca completá-los, procurando apresentar projetos que vão lhe garantir alta exposição dentro da companhia, cortando custos e sobrecarregando funcionários em curto prazo para garantir uma promoção sem considerar o lado ruim para a companhia (CLARKE, 2011, p.33-34).

Ainda assim, é relevante perceber que o psicopata corporativo não lida com todos os colaboradores da mesma forma. Ele trata os empregados e colegas de trabalho seletivamente, em conformidade com a utilidade que possam ter para ele. É nesta ocasião que a importância da estratégia de manipulação elaborada pelo psicopata se apresenta. O nível de sofisticação distingue de um psicopata para outro. Deste jeito, distintos níveis de triunfo são notados quando se analisam psicopatas corporativos específicos (CLARKE, 2011).

Funcionários cuja atividade é fiscalizar os demais trabalhadores, como auditores, setor de recursos humanos e do controle de qualidade, são os opositores naturais do psicopata corporativo e identificam a índole essencial destes seres. É difícil manipulá-los ou enganá-los, uma vez que eles se fundamentam em estatísticas para analisar o que acontece em vez de acreditar nas palavras do psicopata sobre o que ocorrerá no futuro. Contudo, constantemente, quando estas pessoas levantam algum receio, são desconsideradas pelas lideranças, porque o psicopata já firmou as bases para preservar sua posição (CLARKE, 2011).

Uma esfera intrigante relaciona-se com as semelhanças entre princípios e crenças corporativas e psicopatia. A partir do momento que algumas das características dos psicopatas são exploradas, múltiplos aspectos da conduta corporativa podem ser classificados como psicopatas. Contudo, já que uma organização não é uma pessoa, ela obviamente não pode ser identificada como sendo psicopata. As informações são debatidas para promover consciência de como uma cultura corporativa pode representar determinados valores que são equivalentes à psicopatia. Atualmente, as corporações são impulsionadas em grande parte pela competição, postura de vencer a qualquer custo e a conduta competitiva, assemelhando-se com os psicopatas. Pode ser instigante refletir a respeito das características pautadas abaixo no Quadro 12 (CLARKE, 2011):

Quadro 12 – Características das Corporações Psicopatas

Características das Corporações Psicopatas
Enganador e superficial;
Egocêntrico e grandioso;
Falta de remorso ou culpa;
Enganador e manipulativo;
Parasita.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

“Muitas empresas contratam consultores de mídia e de relações públicas para criarem uma determinada imagem para si mesmas, usando expressões “atraentes” e terminologia bastante superficial.” (CLARKE, 2011, p.36) O autor cita o exemplo que, a maior parte das informações pode ser encarada como mentirosa e superficial, exibindo aos consumidores todos os pontos positivos de um produto ou serviço e suprimindo todos os aspectos negativos. Para o escritor, várias companhias são pretensiosas e convencidas da sensação de que necessitam continuar a crescer e se tornar líderes de mercado ou a empresa mais importante em seus ramos.

“Empresas “sentem” exatamente o contrário de remorso ou culpa quando um competidor entra em colapso ou “morre” por causa das ações delas.” (CLARKE, 2011, p.36) Segundo o autor, a corporação enxerga tal fato como um *player* a menos em seu mercado, o que significa atingir uma parcela maior deste negócio, isto é, maximizar a sua participação no segmento de atuação. Para o pesquisador, a falência de outra companhia é vista como uma oportunidade de expansão dos negócios para a empresa psicopata. Algumas corporações efetivamente aspiram ao colapso econômico dos competidores, realizando tudo o que podem para falir os concorrentes.

De acordo com o ponto de vista de Clarke (2011), as corporações são desonestas em várias circunstâncias. Para ele, realmente, em algumas grandes companhias que foram ultimamente investigadas por reguladores governamentais, percebeu-se a institucionalização da cultura de enganação e manipulação de acionistas e consumidores. O autor finaliza o pensamento, afirmando que é pertinente conhecer a quantidade de companhias que enganam acionistas e clientes com o intuito de produzir lucro.

“Pode-se interpretar como ser parasita ou viver à custa das circunstâncias infelizes de outras pessoas quando grandes multinacionais “exploram” trabalhadores mal pagos de países do Terceiro Mundo.” (CLARKE, 2011, p.37) O autor relata que inúmeras corporações multinacionais possuem fábricas em nações subdesenvolvidas do terceiro mundo, onde seus bens são produzidos a um custo mínimo, pois eles exploram trabalhadores muito pobres, e depois vendem estes produtos com margens elevadíssimas de lucro ao redor do planeta.

O escritor complementa ao dizer que a opinião pública transformou tal prática menos atraente do panorama das relações públicas. Algumas organizações multinacionais interromperam a utilização de fábricas nos países subdesenvolvidos do terceiro mundo, porém compram os mesmos itens das mesmas indústrias localizadas em tais nações através de subcontratos. Desta forma, podem negar que exploram os povos destas regiões. Para o cientista, este *modus operandi* de algumas organizações pode ser interpretado como um comportamento controlador e trapaceiro motivado pelo lucro ou autogratificação da empresa.

Conforme o pensamento de Clarke (2011) existe uma contradição entre indivíduos versus objetivos corporativos quando se trata de convivência e comportamento altruísta. As companhias são estimuladas a competir umas com as outras e a triunfar a qualquer custo. Em oposição, as pessoas são encorajadas a trabalhar juntas em redes sociais, pois, caso contrário, a sociedade não funciona corretamente. As empresas são incitadas a serem guiadas pelo interesse próprio.

Já os indivíduos são incentivados a pensar no bem comum e a colocar as próprias ambições depois dos objetivos da sociedade. Para o autor, a harmonia é fundamental para a sobrevivência da raça humana. “Seria possível que a raça humana sobrevivesse se todas as pessoas na Terra tivessem os mesmos valores e as mesmas atitudes das corporações em relação a outras corporações e consumidores?” (CLARKE, 2011, p.37).

O psicopata corporativo comumente é julgado, por aqueles que acabam de conhecê-lo, como uma pessoa confiável, inteligente, influente eloquente. O ponto de vista de alguns colegas de trabalho jamais muda. O psicopata corporativo não permite que eles olhem por trás da máscara que ele (ou ela) exhibe para o mundo. Demais colaboradores sentem medo e raiva ao pensar no colega psicopata. O psicopata corporativo utiliza um conjunto de táticas e estratégias complexas para enfrentar estas concepções diferentes, favorecendo sua entrada e posterior ascensão na empresa que o emprega (CLARKE, 2011).

Quando o psicopata corporativo ingressa numa companhia, ele examina as pessoas com quem vai atuar tal quais os sistemas empresariais que regulam as condições de trabalho delas. Ressalta-se que, este procedimento vale para qualquer novo funcionário, seja psicopata ou não, pois é natural analisar seu novo ambiente e os colegas de trabalho. O psicopata corporativo pretende detectar instantaneamente a conveniência de determinados empregados e as imperfeições no sistema institucional que viabilizarão a ele fazer o que quiser sem ser impedido pelas pessoas que fiscalizam as regras da organização. O psicopata corporativo também identifica fraquezas e inseguranças expostas pelos diversos colaboradores que possam ser aproveitadas, se necessário, em uma ocasião subsequente (CLARKE, 2011).

De acordo com Clarke (2011), é habitual para a direção, a área de recursos humanos, os supervisores e colegas de trabalho possuírem divergentes impressões acerca do mesmo psicopata corporativo. Segundo o autor, tal acontecimento acontece porque o psicopata corporativo percebe a utilidade de cada uma destas pessoas e cria uma imagem específica para os poucos selecionados, classificados como aproveitáveis. Para o escritor, o nível de poder e influência que um empregado possui na corporação é o critério de avaliação utilizado pelo psicopata. Diretores, que costumemente não trabalham cotidianamente com o psicopata corporativo, encantam-se com este modelo de psicopata e o consideram como um talento que precisa ser preservado. O pesquisador atesta que, o psicopata corporativo normalmente escolherá um alvo particular entre os diretores, realizando atividades similares para assegurar convívio rotineiro e uma eventual amizade.

Na concepção de Clarke (2011), o psicopata corporativo também tentará cativar o assistente pessoal do diretor, o que lhe concederá ter acesso ao diretor a qualquer instante. O secretário pessoal também atestará o pensamento do diretor sobre o psicopata corporativo, caso seja questionado. Quando este plano é exitoso, o psicopata corporativo consegue de modo brilhante um influente aliado na organização, que geralmente comenta aos outros líderes sobre tal colaborador prodígio. O autor reitera que diretores são normalmente indivíduos inteligentes, que não podem errar, sobretudo diante de seus colegas. Uma vez convencidos de algo, raramente mudam de ideia, dado que não querem assumir que cometeram um equívoco sobre um empregado que pensavam que conheciam. Somente após que reiterados episódios são exibidos a sua atenção, eles consentem que possa existir um contratempo e constituem um método para averiguar este problema.

Colaboradores que estão no mesmo grau hierárquico do psicopata corporativo são geralmente bem tratados enquanto ele se aclimata na empresa. Eles revelam que a pessoa era encantadora, animada, inteligente e colaborativo. O psicopata aparenta ser amigo de todos os funcionários, no entanto, na realidade ele prepara seus colegas para serem “queimados” a fim de extinguir a competição quando chegar o período das promoções. O primeiro momento que as vítimas constatarem o “processo de fritura” e a “puxada de tapete” é quando elas vão se queixar do psicopata ou quando não obtêm a promoção que merecem, porém são informadas que o psicopata já registrou incontáveis reclamações acerca delas. A partir deste instante que os colegas do psicopata notam a genuína natureza de seu “aliado”, contudo é tarde demais para reverter à situação, uma vez que o psicopata já ocupa um cargo hierárquico superior ao deles e, por isso, seus protestos são encarados como maldosos. Outros funcionários em posição hierárquica inferior à do psicopata são tratados de modo idêntico. Comumente, eles são induzidos a acreditar

que o psicopata é amigo deles, até que descobrem que foram manipulados para impulsionar a carreira do psicopata ou apenas para entretê-lo (CLARKE, 2011).

Verificando-se a ótica de Clarke (2011), o psicopata corporativo adota cinco estágios para manipular os colegas de trabalho na esfera individual. Tais fases são intuitivas para o psicopata, ao contrário de serem empregadas conscientemente. No entanto, conforme a opinião do autor são estratégias psicológicas extraordinariamente poderosas que possuem por alvo a fragilidade psicológica de um empregado e que depois abusam desta vulnerabilidade para atender aos objetivos do psicopata. O Quadro 13 informa sobre os níveis e as descrições dos cinco estágios de manipulação de pessoas adotados pelo psicopata corporativo:

Quadro 13 – Os Estágios de Manipulação Adotados pelo Psicopata Corporativo

Nível	Descrição
Estágio 01	Encontrando o alvo
Estágio 02	Estabelecendo harmonia
Estágio 03	Identificar as necessidades das vítimas
Estágio 04	Criar dor emocional
Estágio 05	Psicologia reversa

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

O psicopata corporativo se apresenta e enche as vítimas com muitas informações que elas não têm tempo para refletir. Visto que as vítimas não tem tempo para mensurar tantos dados, estão mais inclinadas a acreditar nele. Isto ocorre, pois o psicopata enaltece as vítimas, fazendo-as se sentirem confortáveis. Por conseguinte, as vítimas apreciam a presença do psicopata, já que se sentem bem consigo, dado que é uma situação incomum nas suas vidas. Nesta fase, o psicopata é afável e parece predisposto a realizar qualquer ação para satisfazer suas vítimas (CLARKE, 2011).

O psicopata corporativo permanece perto das vítimas, suprimindo a chance de elas debaterem as atitudes do mesmo com outros colaboradores que não estejam envolvidas emocionalmente na conjuntura. O psicopata preserva este equilíbrio conversando e participando de atividades que interessem às vítimas para assegurar que o falso entendimento que as vítimas têm dele seja totalmente absorvida (CLARKE, 2011).

O psicopata corporativo, astuciosamente, descobre o que as vítimas necessitam ouvir para que possa ludibriá-las com êxito. Para tal, ele descobre as fraquezas emocionais das vítimas para produzir diversas mentiras que indicam ou prometem que tais necessidades serão resolvidas, contato que as mesmas continuem a confiar no psicopata (CLARKE, 2011).

No momento em que as vítimas questionam as promessas do psicopata corporativo e duvidam delas, o comportamento muda. Ainda apontando nos pontos fracos emocionais das vítimas, o psicopata daí em diante começa a atacá-las, em vez de encher a autoestima delas. Ele pode intimidá-las ou deixar subentendido que uma pessoa que já tem baixo amor-próprio é besta por não acreditar nele ou questionar como os familiares dela se sentirão quando a mesma não alcançar aquela promoção que está tão próximo (CLARKE, 2011).

Os psicopatas ressaltam como as vítimas se sentirão se os objetivos prometidos por eles não se concretizarem. Para as vítimas, é ainda mais complicado constatar que foram iludidas pelo psicopata, pois elas foram instigadas a acreditar em seus sonhos e confiar que estes estavam próximos de se tornar realidade, apenas para vê-los destruídos. Este martírio é combinado com o sofrimento de perceber que foram manipuladas e depois desprezadas (CLARKE, 2011).

O psicopata corporativo destaca neste momento que provavelmente as vítimas não mereçam ter seus anseios concretizados, visto que elas não possuem a bravura ou a perseverança para atingi-los sem o amparo dele. As vítimas, que acreditaram e frequentemente ainda creem no psicopata, fazem o que ele solicita para comprovar o engajamento delas com ele. O psicopata finge que as vítimas não realizaram o bastante para reconquistar sua credibilidade. Comumente, quando as vítimas verificam que foram traídas, a hombridade delas sofre também. Elas possuem pouca segurança em sua capacidade de tomar decisões porque compreendem que confiar no psicopata foi o maior desacerto de suas vidas (CLARKE, 2011).

Clarke (2011) sustenta que o sigilo é crucial para a sobrevivência dos psicopatas corporativos. Eles dependem de que as vítimas não se conheçam para não serem descobertos, visto que se as pessoas que foram usadas dialogassem umas com as outras sobre suas experiências, a prolongação do fingimento do psicopata seria divulgada. Desta forma, para o autor, o psicopata corporativo está em um jogo de mentiras e tramoias que nunca encerra em que ele utiliza as redes sociais para propalar desinformação com o intuito de que nenhum colaborador efetivamente reconheça a dimensão de seu embuste.

A manipulação determinada e decidida de forma precisa das redes sociais é a atitude que distingue o psicopata corporativo das pessoas que jogam com as políticas organizacionais. Quando se trata de constituir e conservar teias desenvolvidas através de enganos, o psicopata corporativo é inigualável. Este também é um dos fatores por que é tão dificultoso trabalhar com o psicopata corporativo. Jamais se sabe quem recebeu desinformação dentro da companhia e o psicopata certifica que os funcionários estejam bastante ocupados esforçando-se por sua própria permanência na instituição do que se atentarem com outras prováveis vítimas. Desta forma, o conhecimento e uma equipe fechada e unida são as melhores proteções contra o psicopata corporativo (CLARKE, 2011).

2.3 OS DANOS CAUSADOS NAS VÍTIMAS PELA ATUAÇÃO DO PSICOPATA CORPORATIVO

Para Clarke (2011), o *modus operandi* do psicopata corporativo via manipulação prolongada afeta negativamente os demais colegas de trabalho e causa diversas reações similares nas vítimas. As vítimas do psicopata corporativo relatam se sentir como se tivessem perdido o controle sobre suas vidas. A citação abaixo ilustra os efeitos causados nas vítimas perante a atuação do psicopata corporativo:

O Quadro 14 lista os principais sintomas revelados pelas vítimas em decorrência da ação do psicopata no ambiente corporativo. Clarke (2011) registrou catorze sintomas mencionados pelas vítimas procedentes do comportamento do psicopata no contexto organizacional, que serão explicados posteriormente:

Quadro 14 – Principais Sintomas Relatados pelas Vítimas

Principais Sintomas Relatados pelas Vítimas
Ataques de pânico;
Depressão;
Distúrbios de sono e pesadelo;
Problemas de relacionamento;
Confusão;
Descrença;
Culpa;
Falta de confiança;
Raiva;
Impotência;
<i>Flashbacks</i> ;
Vergonha;
Constrangimento;
Disfunções sexuais.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com Clarke (2011), diversas vítimas solicitam demissão e questionam a própria capacidade de procurar outro emprego, pois desconfiam das pessoas ou não confiam nas suas habilidades técnicas para realizar adequadamente os respectivos trabalhos. Segundo o autor, os funcionários que optam por permanecer no emprego nutrem ódio profundo em relação à companhia para a qual trabalharam e se dedicaram tanto, já que acreditam que ela os decepcionou ao não acreditar neles ou defendê-los. Colaboradores mais experientes da organização também ficam desapontados quando percebem que foram manipulados por um psicopata.

Medeiros, Júnior e Possas (2015), autores do artigo “Quem mais veste Prada?” Psicopatas Corporativos e Assédio Moral no Trabalho, corroboram com a opinião de Clarke (2011). Para

eles, as vítimas dos psicopatas que, apesar das dificuldades enfrentadas, permanecem nas empresas porque necessitam, sentem-se desprotegidas, com baixa autoestima e decepcionadas com a companhia. Desta forma, demonstram rancor por terem se dedicado tanto a ela, que não as blindou de tais episódios dramáticos.

Na concepção de Clarke (2011), quando um colaborador nota a manipulação em curso ou que foi manipulado ou afrontado por um psicopata corporativo, ele pode sentir uma sensação de choque e descrença, duvidando do evento ocorrido e questionando a própria sanidade mental, ou, que exagerou na avaliação dos fatos. O autor afirma que as vítimas dos psicopatas corporativos podem sentir raiva e ódio em relação ao algoz por inúmeros motivos. Para o escritor, a raiva é uma emoção que as pessoas canalizam para as demais quando acham que algo injusto ou ruim ocorre. A raiva correlaciona-se com os sentimentos de ameaça ou insegurança. O pesquisador explica que a raiva deslocada, ou seja, aquela que não é encaminhada ao colega psicopata, porém a alguma pessoa próxima da vítima, ocorre quando a própria vítima não pode reagir ou considera difícil nutrir tal sentimento pelo psicopata corporativo. O Quadro 15 elenca as características das reações raivosas manifestadas pelas vítimas do psicopata no ambiente empresarial, conforme abaixo:

Quadro 15 – Características das Reações Raivosas

Características das Reações Raivosas
Impaciência;
Agir por impulso;
Falar palavras das quais futuramente se arrependará;
Tornar-se agressivo fisicamente e (ou) verbalmente.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Clarke (2011) atesta que as reações raivosas constantes afetam fisicamente e emocionalmente o indivíduo, interferindo na concentração, felicidade e nos relacionamentos interpessoais da própria vítima. No que tange a esfera física, para o autor, a raiva rotineira afeta o sistema imunológico do corpo humano. A elevação da pressão sanguínea e, conseqüentemente, o aumento do risco de doença cardíaca e hipertensão são conseqüências do cultivo do sentimento de raiva ininterrupto em decorrência dos embates com o psicopata corporativo. Já no âmbito emocional, o escritor diz que a raiva pode causar o abuso de ingestão de bebida alcoólica ou a utilização de outras drogas lícitas e ilícitas como um mecanismo de fuga da realidade para aliviar o sofrimento existente. O Quadro 16 demonstra os efeitos do sentimento de raiva frequente nos planos físicos e emocionais nas vítimas dos psicopatas corporativos:

Quadro 16 – Efeitos do Sentimento de Raiva nos Planos Físicos e Emocionais

Plano Físico	Plano Emocional
Afeta o sistema imunológico;	Abuso de ingestão de bebida alcoólica;
Elevação da pressão sanguínea;	Utilização de outras drogas lícitas e (ou) ilícitas.
Aumento do risco de doença cardíaca;	
Hipertensão.	

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A sensação de raiva prejudica a habilidade do pensamento racional e claro sobre a situação, pois a vítima se atenta nas agressões notadas e nas injustiças sofridas e, em decorrência disto, aumenta o próprio sentimento de raiva. Tal fenômeno ocorre, porque as vítimas não conseguem parar de refletir sobre o episódio vivenciado e repassam mentalmente todos os detalhes de suas contendas com o psicopata corporativo. Elas imaginam o que poderia ter ocorrido, caso tivessem adotado outra postura (CLARKE, 2011).

As vítimas podem ignorar ou responder friamente ao psicopata, prometendo realizar trabalhos que não possuem a intenção de finalizar. O contra-ataque da vítima via conceito de passivo-agressividade, isto é, quando um indivíduo deseja punir ou machucar outra pessoa através da utilização de estratégias discretas, como, por exemplo, ficar em silêncio ou se mostrar indiferente diante do problema, geralmente potencializa o contexto negativo para a própria vítima (CLARKE, 2011).

Segundo Clarke (2011), o medo é outra resposta vivenciada pelas vítimas do psicopata corporativo. O medo é definido como um sentimento de angústia e terror de que algo desagradável acontecerá. Os indivíduos que sofrem com a ação do psicopata possuem medo de outras pessoas, de se encontrar com o algoz e do próprio ambiente físico de seu local de trabalho.

Já a ansiedade, mecanismo de sobrevivência útil para o ser humano, é um estado de alteração emocional acompanhada por sintomas específicos. A ansiedade crônica é uma das condições psicológicas mais severas, pois reduz a capacidade da pessoa de aproveitar a vida, uma vez que a mesma encontra-se estressada e ansiosa. A ansiedade crônica caracteriza-se através da existência de sentimentos ininterruptos de ansiedade proveniente do fato das vítimas considerarem que é impossível escapar do psicopata corporativo (CLARKE, 2011). O Quadro 17 pautava os sintomas da ansiedade, conforme abaixo:

Quadro 17 – Sintomas Específicos da Ansiedade

Sintomas Específicos da Ansiedade
Palmas das mãos suadas;
Falta de ar;
Batimentos cardíacos acelerados;
Boca seca;
Aperto no peito;
Tensão muscular.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para Clarke (2011), a ansiedade interfere na forma como as vítimas refletem sobre sua situação no trabalho e em casa. Sentir-se, segundo o autor, ansioso limita a capacidade da pessoa de pensar claramente ou de interpretar outras informações de forma normal, pois prende a atenção da vítima naquilo que a faz se sentir ansiosa. O escritor complementa, definindo tal fenômeno como a “visão do túnel”.

O estresse, na opinião de Clarke (2011), é outro grave dano causado nas vítimas pela atuação do psicopata corporativo. Em conformidade com os principais sinais de estresse, o Quadro 18 enumera abaixo:

Quadro 18 – Principais Sinais de Estresse

Principais Sinais de Estresse
Sentir-se irritado e (ou) cansado;
Ter problemas para se concentrar;
Perda de senso de humor;
Brigas mais frequente com aqueles ao seu redor;
Menor produtividade no trabalho
Doenças mais frequentes;
Falta de preocupação com o trabalho;
O ato de ir trabalhar todo dia se torna um esforço;
Perda de interesse em atividades fora do trabalho.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Sina (2017) traz à tona a existência do *bullying* corporativo, ou seja, uma agressão advinda de colaboradores com debilidades psicológicas contra colegas de trabalho. Para a autora, o corpo humano reage de diversas formas a atitudes negativas contra um indivíduo. O nível de estresse apresentado pela vítima do psicopata corporativo provoca incontáveis doenças do corpo e da mente. Apesar de não possuir evidências médicas para ratificar que as doenças da mente se intensificam com o *bullying* corporativo, a pesquisadora afirma que não ficaria espantada se algumas doenças autoimunes e psíquicas estivessem relacionadas a este problema.

Na ótica de Clarke (2011), muitas vítimas se sentem constrangidas ou envergonhadas por não conseguirem defrontar um psicopata corporativo. O autor relata que elas imaginam que os

demais colaboradores têm conhecimento da situação e julgam-lhes como covardes e dispensáveis. Desta forma, tais vítimas interpretam o que os seus colegas de trabalho dizem para elas como se estivesse associado com a experiência individual delas, reagindo de forma equivocado em muitas situações. O escritor finaliza ao dizer que, os sentimentos de vergonha e constrangimento se tornam tão fortes que afetam a capacidade do indivíduo de viver normalmente.

Outro dano nefasto causado pela atuação do psicopata corporativo é o medo que a vítima possui de ser desacreditada. O fato das organizações não reconhecerem os psicopatas corporativos como um problema que merece atenção, as vítimas não se sentem seguras e convictas em denunciá-los nos órgãos internos competentes, pois possuem um receio de que ninguém acreditará no sofrimento terrível pelo qual passam. Este medo de que não acreditem nelas é apoiado quando um gestor ou um colaborador não acredita nas acusações da vítima contra o psicopata corporativo. Em consequência, aumenta a sensação de isolamento e exclusão para a vítima, tornando-a mais suscetível às artimanhas utilizadas pelo psicopata corporativo (CLARKE, 2011). Inacreditavelmente, na ótica de Clarke (2011), as vítimas do psicopata corporativo se responsabilizam por sua incapacidade para confrontá-lo e se culpam por serem usadas ou agredidas por ele. Para o autor, estas atitudes adotadas pelas vítimas ocasionam à confusão no que tange ao modo correto de agir, já que elas se aprisionam na ansiedade e tentam solucionar o que demonstra ser um problema impossível de ser resolvido.

Em conformidade com as ideias de Clarke (2011), as vítimas de um psicopata corporativo imaginam que não possuem controle sobre suas vidas. Elas notam que seus comportamentos e atitudes são dominados pelo psicopata. Segundo o autor, elas pensam frequentemente no trabalho e nas situações envolvendo os embates com o algoz. As vítimas se sentem imponentes e incapazes de alterar a situação, tendo em vista que, não tem controle de saber o momento ou a forma como o psicopata corporativo vai ofendê-las e, conseqüentemente, não conseguirão neutralizar os ataques do psicopata.

Para Clarke (2011), simplesmente, as vítimas se sentem como alvos fáceis prontas para o “abate” e não possuem chance de defesa. Em consequência disto, diante da necessidade de ampliar os mecanismos de defesa para minimizar a própria exposição no ambiente corporativo e, especialmente, a sobrevivência na organização, as relações das vítimas com os demais colaboradores se modificam. Segundo o escritor, tal alteração constitui a formação de um “escudo de proteção” das vítimas para com os inimigos intraorganizacionais e enfatiza a percepção de que estão fora de controle, pois todos os aspectos em suas vidas parecem em constante modificação de uma forma negativa.

Na concepção de Clarke (2011), a pessoa que sofre com a ação do colega psicopata corporativo tem a percepção que a sua vida parece diferente e, portanto, ocasiona numa mudança de determinados valores que envolvem o ambiente corporativo e as relações socioprofissionais, ou seja, “nada voltará a ser como antigamente”, pois experimentaram o verdadeiro e cruel sofrimento proporcionado pelo psicopata corporativo. Desta forma, para o pesquisador, as vítimas se sentem impotentes e incapazes de contornar e alterar a situação, já que não vislumbram uma maneira de resgatar a suas antigas vidas.

Diante da permanente manipulação do psicopata corporativo sobre o indivíduo exposta por Clarke (2011) é compreensível que a vítima não confie nos demais colaboradores e, por conseguinte, imagina que os colegas a maioria dos colegas de trabalho têm desvio de conduta ética e profissional e que desejam prejudicá-la na organização. As vítimas criam uma espécie de “barreira de proteção” ou “campo de força” contra hostilidades externas, no qual qualquer colega é um potencial “inimigo” e que pode sabotá-lo na empresa. Nota-se que esse pensamento é oriundo do processo de aprendizagem sofrido pela vítima, decorrente de traumas passados envolvendo colegas psicopatas corporativos.

Em harmonia com Clarke (2011), o fato de diversas vítimas confiarem e simpatizarem inicialmente com o psicopata, a partir do momento que descobriram a verdade e se frustraram, contribui substancialmente para a perda de confiança em suas habilidades de identificação de colaboradores que possam ser perigosos psicologicamente ou fisicamente no âmbito corporativo.

Analisando-se a exposição efetuada por Clarke (2011), nota-se que o juízo de valor do indivíduo que sofreu com as ações nefastas do psicopata corporativo compromete-se negativamente e torna-se imensamente passível de erro. Desta forma, a aproximação e integração da vítima com os colaboradores de boa índole são comprometidas e, de modo consequente, prejudica o clima organizacional da companhia.

Clarke (2011) afirma que um efeito comum causado nas pessoas que sofreram nas mãos do psicopata corporativo é a recordação dos incidentes nos quais pensam que foram vitimadas e injustiçadas de forma contínua. Após determinado tempo, conhecido como “período de luto”, no qual o indivíduo sofre e processa toda a carga de informações diante das situações conflituosas, de acordo com o autor, aqueles pensamentos decepcionantes e constantes que surgiam quase que diariamente, se tornam *flashbacks*. Estes fenômenos são ocasionados por situações que recordam às vítimas os eventos traumáticos. O escritor relata que, num primeiro momento, as vítimas tem a percepção que tais *flashbacks* são incontroláveis, porém com o decorrer do tempo tornam-se esporádicos.

Analisando-se a opinião de Clarke (2011), os distúrbios de sono e pesadelos são outros efeitos colaterais apresentados pelas vítimas diante a atuação desenfreada do psicopata corporativo. Configuram-se como distúrbios de sono a insônia, ou seja, uma incapacidade de dormir, ou dormir demais, isto é, a hipersônia. Os pesadelos que envolvem as situações vivenciadas com o psicopata corporativo também são consequências geradas pelas experiências negativas no contexto organizacional. Todavia, segundo o autor, a frequência destes eventos desagradáveis diminui certo tempo depois do último incidente chocante experimentado pela vítima.

Indubitavelmente, na perspectiva de Clarke (2011), os problemas de relacionamento através do desejo de ficar sozinha, a perda de confiança em outras pessoas, o desejo de estar com alguém o tempo todo e as dificuldades em relacionamentos íntimos são outros efeitos nocivos e lamentáveis ocasionados para as vítimas por causa do péssimo comportamento do psicopata corporativo. O autor afirma que, por possuir um efeito severo e devastador na vítima, o psicopata corporativo também impacta negativamente nas famílias das vítimas e em seus amigos, tendo em vista que receberão toda a carga negativa de reclamações, lamentações e murmurações. O pesquisador complementa ao dizer que estas pessoas próximas às vítimas devem saber lidar com uma pessoa em estado permanente de estresse, potencial depressivo e que necessita extrema compreensão e zelo para superar as adversidades impostas pelo psicopata no contexto empresarial.

Examinando-se todos os efeitos causados pela ação nefasta e cruel do psicopata corporativo, o mais nocivo entre todos e, de certa forma, proveniente do impacto acarretado pela atuação conjunta de tais danos, ressalta-se a depressão. “A depressão é uma condição debilitante que interfere com a habilidade de uma pessoa de experimentar prazer, interagir com outras pessoas e participar da vida” (CLARKE, 2011, p.54).

De acordo com Clarke (2011), existem inúmeros graus de tristeza e depressão, entre elas o humor depressivo, transtorno distímico e depressão clínica ou severa. As citações abaixo definem e caracterizam os graus de tristeza e depressão:

Humor depressivo é um estado emocional que faz as pessoas se sentirem tristes, infelizes e “para baixo”. Geralmente, passa depois de um curto período de tempo. Quando a causa do humor depressivo é um psicopata do trabalho, isso pode se tornar crônico e o humor depressivo pode durar longos períodos de tempo (CLARKE, 2011, p.54).

Transtorno distímico é uma depressão média crônica. As vítimas se sentem tristes constantemente, pessimistas ou, muitas vezes, apáticas. Outros sintomas são: pouca energia, baixa autoestima, irritabilidade, culpa, falta de concentração e dificuldade para tomar decisões. As vítimas geralmente se veem como não interessantes e incompetentes e se envolvem cada vez menos em situações sociais (CLARKE, 2011, p.54-55).

Depressão severa é uma condição mais grave e debilitante do que o transtorno distímico. Inclui baixa energia, perda de interesse nas coisas e falta de prazer. Para ser diagnosticada, cinco dos sintomas a seguir (incluindo pelo menos um dos dois primeiros) devem ter sido experimentados pelo menos por um período de duas semanas: (CLARKE, 2011, p.55).

Observando-se as definições e caracterizações efetuadas por Clarke (2011) sobre os graus de tristeza e depressão que acometem as vítimas dos atos desoladores dos psicopatas corporativos, o Quadro 19 sintetiza as particularidades do humor depressivo, do transtorno distímico e da depressão severa. Nota-se que, no pensamento do autor, a depressão severa (clínica) para ser detectada, cinco dos sintomas que serão expostos abaixo, contendo pelo menos um dos dois primeiros, devem ter sido vivenciados por um período de duas semanas:

Quadro 19 – Principais Graus de Tristeza e Depressão

Humor Depressivo	Transtorno Distímico	Depressão Severa (clínica)
Sentimento de tristeza, infelicidade: as pessoas se sentem “para baixo”;	Depressão média crônica;	Humor depressivo durante grande parte do dia;
Passa depois de um curto período de tempo;	As vítimas se sentem tristes constantemente, pessimistas ou, muitas vezes, apáticas;	Interesse reduzido por atividade prazerosa;
Pode se tornar crônico e durar longos períodos de tempo.	Pouca energia; Baixa autoestima;	Mudanças de apetite e de peso;
Pessoas com depressão leve ainda são capazes de trabalhar e viver, no entanto experimentam pouca alegria nisso.	Irritabilidade;	Mudanças no padrão de sono;
-	Culpa;	Falta de energia;
-	Falta de concentração;	Sentimento de culpa ou de inutilidade;
-	Dificuldade para tomar decisões;	Agitação ou desaceleração de movimentos físicos (capacidade de fazer qualquer coisa é extremamente limitada: mesmo tarefas menores, como sair da cama ou tomar café da manhã, parecem um desafio para elas);
-	Autodepreciação das vítimas: consideram-se desinteressantes e incompetentes; Envolvimento cada vez menores situações sociais.	Inabilidade de se concentrar ou de tomar decisões;
-	Pessoas com depressão moderada têm maiores bloqueios sociais e ocupacionais. Elas não conseguem fazer muita coisa em razão de pouca concentração ou inabilidade de se relacionar com outras pessoas.	Pensamentos recorrentes de morte ou suicídio.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para Clarke (2011), diante de todos os efeitos nocivos causados nas vítimas pelo *modus operandi* do psicopata corporativo, torna-se fundamental que a pessoa agredida emocionalmente e (ou) fisicamente busque auxílio profissional. Na ótica do autor é essencial que o profissional seja bem treinado e experiente em lidar com situações originárias da interação entre os colaboradores de uma organização com o colega psicopata corporativo ou demais tipos de comportamentos disfuncionais e lesivos no ambiente empresarial. Em conformidade com a linha de raciocínio do pesquisador, o Quadro 20 cataloga os sintomas experimentados e que devem ser notados pela vítima graças ao seu envolvimento socioprofissional com o psicopata corporativo. Tal diagnóstico é importante antes de solicitar o apoio especializado, conforme os sinais abaixo:

Quadro 20 – Sintomas Experimentados pelas Vítimas

Principais Sintomas Experimentados pelas Vítimas
Ansiedade, estresse, preocupação excessiva sobre a situação de trabalho;
Inabilidade para dormir;
Coração disparado;
Hiperventilação (respiração rápida e superficial);
Inabilidade de se concentrar;
Dores de cabeça tensionais ou enxaquecas;
Vergonha ou constrangimento que resultam em uma mudança de comportamento notável;
Sensação de borboletas no estômago quando está no local de trabalho, indo para lá ou voltando de lá;
Músculos cansados ou dor nas articulações;
Depressão;
Qualquer problema de pele, como coceiras, bolinhas e outros, que ocorram depois do começo da perseguição;
Abuso ou uso exagerado de substâncias, como álcool, tabaco, drogas legais ou ilegais, para lidar com a situação;
Perda de cabelo;
Pressão alta;
Úlceras estomacais;
Pensamentos suicidas (você deve procurar alguém imediatamente se estiver experimentando isso);
Síndrome de fadiga crônica;
Febre glandular;
Perda ou ganho significativo de peso;
Sentimento de exaustão;
Sentimento de irritação ou de estar no limite o tempo todo;
Dificuldade de confiar ou acreditar em qualquer um;
Problemas de relacionamento (mais brigas, etc);
Perda de interesse na atividade sexual.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Clarke (2011) finaliza, dizendo que os amigos e a família das vítimas das ações maléficas do psicopata corporativo constituem uma cadeia de apoio extremamente importante e benéfica num momento turbulento na vida das vítimas. É importante que as pessoas vitimadas pelas atitudes nefastas do psicopata corporativo percebam que não estão sozinhas. O carinho e a compreensão das pessoas próximas e de confiança dos oprimidos pelo psicopata corporativo colaboram na preservação da saúde física e mental dos entes queridos.

A pesquisa adotou uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a livros, sites e artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados SciELO e Google Acadêmico a partir dos descritores: psicopata; psicopatia; psicopata corporativo; organização. A investigação se deu entre dezembro de 2017 e março de 2018. O referido mecanismo é definido e caracterizado, como “uma parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 43)”.

Já os dados foram analisados por meio de abordagens descritiva e qualitativa, em torno das informações teóricas disponíveis sobre o tema psicopata corporativo. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva descreve as características de populações ou fenômenos e usa técnicas padronizadas de coleta de dados, como observação sistemática e questionários. E a pesquisa qualitativa é definida como um tipo de investigação voltada para os aspectos qualitativos de uma determinada questão. Considera a parte subjetiva do problema.

A primeira etapa da revisão consistiu na exploração do tema com levantamento bibliográfico e a leitura dos materiais selecionados, elaboração de fichamentos, bem como a análise e resumo analítico das obras escolhidas. Desta forma, realizou-se um estudo exploratório sobre os conceitos e as características da Psicopatia, Psicopata e Psicopata Corporativo; o *modus operandi* do Psicopata Corporativo e os danos causados nas vítimas pela atuação do Psicopata Corporativo.

A segunda etapa correspondeu à leitura, compreensão, análise, interpretação e resumo do material identificado sobre o objeto de estudo, visando redigir o trabalho a partir da compreensão analítica, resultante da leitura dos escritos relacionados aos objetivos da obra. Nesta etapa foram redigidas as partes constitutivas da revisão de literatura, na qual constam os elementos que fundamentam o estudo proposto.

Na terceira etapa se fez a ordenação da escrita e formatação do trabalho. O Quadro 21 potencializa a organização do estudo, pois especifica os principais autores referenciados ao longo do texto e as perspectivas de cada obra:

Quadro 21 – Sobre o Psicopata Corporativo: Principais Autores e Enfoques

Autores	Obras	Enfoques
Cleckley (1988) <i>apud</i> Henriques (2009, p.288-292); Cleckley (1955) <i>apud</i> Hidalgo e Serafim (2016, p.19).	De H. Cleckley ao DSM IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência; Psicopatia: o que as pessoas sabem de fato sobre este conceito.	Definição e características do psicopata.
Hare (2003); Hare (2010) <i>apud</i> Menezes (2010, p.04).	<i>Sin Conciencia – El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean;</i> Nem todo psicopata é criminoso.	Definição e características do psicopata.
Babiak e Hare (2006)	<i>Snakes in Suits – When psychopaths go to work.</i>	A presença dos psicopatas no trabalho.
Silva (2008)	Mentes Perigosas – O psicopata mora ao lado.	Definição e características do psicopata.
Clarke (2011)	Trabalhando com Monstros – Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles.	A presença dos psicopatas no trabalho.
Sina (2017)	Psicopata Corporativo – Identifique-o e lide com ele.	A presença dos psicopatas no trabalho.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Dessa forma, o material de pesquisa concentrou-se, especialmente, em cinco livros publicados em nível nacional e internacional (uma obra no idioma inglês e um livro na língua espanhola), além de inúmeros artigos científicos e algumas reportagens, cujo tema principal é o psicopata corporativo. Diante dos dados encontrados, elaboraram-se quadros com informações distintas sobre o conteúdo discutido. Após a criação desses quadros na seção 2, realizou-se a análise e apresentação dos resultados da pesquisa.

Através da realização da revisão de literatura, percebeu-se que o tema psicopata é obscuro, estudado há diversos anos e conta com ampla bibliografia no campo da psicologia e psiquiatria. Em contrapartida, notou-se a existência de raros estudos na ciência da administração, voltados para o tema psicopata corporativo. Encontraram-se diversos pensamentos complementares e, especialmente, divergentes entre os pesquisadores referenciados na produção científica, conforme o Quadro 05 presente na seção 2.

A revisão de literatura e também a pesquisa indicaram que os psicopatas corporativos fomentam ações antiprofissionais, desprovidas de ética e empatia para promoverem suas agendas pessoais nas organizações. Eles usam as pessoas como meras ferramentas para chegarem onde querem, pois são manipuladores e jogadores sagazes. Em diversos casos, tais seres se aproveitam da cultura organizacional “doente” e “agressiva” existente na companhia, isto é, aquela que visa apenas à maximização do lucro em detrimento do bem estar da equipe de trabalho. Assim, ascendem profissionalmente e financeiramente rapidamente.

Baseado no que foi revisto na seção 2, os psicopatas causam consideráveis contratempos dentro das corporações, particularmente para os colaboradores que atuam diretamente com eles. Consequentemente, prejudicam a própria companhia, uma vez que o nível de produtividade da vítima do psicopata é reduzido drasticamente.

Diante do que foi reexaminado na seção 2, criaram-se tópicos para a rápida visualização e assimilação dos resultados obtidos da pesquisa. Assim, seguem os dados abaixo:

- Para Babiak e Hare (2006), **01% da população humana é considerada psicopata corporativo e 10% apresentam características que se assemelham a tal perfil** (grifo nosso);
- A psicopatia **não** (grifo nosso) possui uma definição médica própria na OMS (CID10 – classificação F60.2) e na APA (DMS V). O enquadramento mais próximo da psicopatia é o transtorno de personalidade dissocial para a OMS e o TPA para a APA;
- A psicopatia é um conjunto de sintomas relacionados ao **déficit** (grifo nosso) presente nas relações interpessoal/emocional (manifestação dos sentimentos às pessoas) e ao estilo de vida (relação com as normas sociais estabelecidas de uma pessoa (HARE, 2003);

- De acordo com os investigadores observados na obra, a **ausência de consciência** (grifo nosso) é o traço mais marcante no psicopata, ou seja, ele não consegue estabelecer uma relação entre a razão e a emoção. O aspecto emocional dele é inexistente e apenas o âmbito racional é utilizado, e exclusivamente para benefício próprio. Porém, o psicopata tem ciência dos seus atos, isto é, **ele sabe o que faz** (grifo nosso) e não se importa com as consequências ocasionadas nas vítimas;
- Os estudiosos do assunto considerados na produção científica apresentaram **inúmeras discordâncias** (grifo nosso) referentes à definição, utilização de outras nomenclaturas para conceituação do psicopata, a origem da psicopatia e a delimitação como uma doença ou um transtorno que não caracteriza uma patologia. O **Quadro 05** (grifo nosso) presente na seção 2 explicitou este fenômeno;
- A **opinião convergente** (grifo nosso) entre os exploradores apreciados no trabalho acadêmico é que **não** (grifo nosso) existe cura para a psicopatia. Também **não** (grifo nosso) há tratamento para o psicopata, pois quaisquer tentativas de reabilitação ou programas de *coaching* executivo pode agravar o caso, já que ele aprenderá novas técnicas de manipulação e controle. Hare (2003) fez uma ressalva ao afirmar que, existe uma **possibilidade** (grifo nosso) de tratamento baseado no **controle das ações do psicopata** (grifo nosso), utilizando-se o senso de egoísmo dele. Porém, o autor afirmou que é muito difícil tratá-lo. O **Quadro 05** (grifo nosso) presente na seção 2 exibiu tais fatos;
- Sina (2017) foi a **única** (grifo nosso) autora exposta na pesquisa que associou a psicopatia com a esquizofrenia, conforme o **Quadro 05** (grifo nosso) presente na seção 2;
- Para Silva (2008), as discrepâncias de ideias entre os cientistas referentes à psicopatia relacionam-se com os **relevantes obstáculos de serem feitos os estudos médicos necessários** (grifo nosso), uma vez que as amostras realizadas para tais finalidades dependem dos relatos dos avaliados, ou seja, dos **próprios psicopatas** (grifo nosso), que, obviamente, não têm interesse em cooperar;
- De acordo com Tobler (2015), Coelho, Pereira e Marques (2017), a inclusão dos psicopatas ocorre na esfera da **semi-imputabilidade** (grifo nosso) no contexto jurídico nacional, retratada no artigo 26, parágrafo único do Código Penal. Este enquadramento é devido à **ausência** (grifo nosso) de um consenso médico sobre a delimitação da psicopatia como uma doença ou um transtorno que não caracteriza uma patologia;

- Segundo Trindade (2015), existe um **dilema** (grifo nosso) no contexto médico e jurídico: caso a psicopatia seja considerada uma doença, o resultado judicial inclina-se para a direção da inimputabilidade (ausência de culpa) do indivíduo. Porém, na perspectiva legal, além de questões de política criminal e segurança social, para o escritor, esta não é a melhor solução. Ele argumenta que não se pode premiar a pessoa que assume a delinquência como estilo de vida. Para o pesquisador, **enquadrar** (grifo nosso) a psicopatia como uma condição de **caráter moral** (grifo nosso) do indivíduo, e não uma doença mental pode ser a solução **racional e jurídica** (grifo nosso) para responsabilizar os psicopatas por seus próprios atos e, conseqüentemente, totalmente imputáveis (culpáveis) e passíveis de pena;
- Para os investigadores apontados na obra, o psicopata corporativo almeja a obtenção de **poder e controle** (grifo nosso) na organização para **ascender** (grifo nosso) na carreira e, conseqüentemente, conquistar as recompensas financeiras oriundas do seu crescimento profissional. Os notáveis cientistas enfatizaram que o psicopata é extremamente **manipulador** (grifo nosso) no ambiente organizacional;
- Segundo os observadores retratados na produção científica, os psicopatas corporativos são **jogadores astutos** (grifo nosso) no ambiente empresarial. O *modus operandi* (grifo nosso) adotado por eles baseia-se na utilização de algumas **estratégias e táticas de manipulação** (grifo nosso) dos **colegas de trabalho e da própria companhia** (grifo nosso);
- De acordo com autores vistos no trabalho acadêmico, **a maneira como as corporações são estruturadas colaboram para o crescimento profissional** (grifo nosso) do psicopata corporativo. As corporações são impulsionadas pela competição, postura de vencer a qualquer custo e a conduta competitiva, assemelhando-se com os psicopatas. Desta forma, são denominadas de “**corporações psicopatas**” (grifo nosso);
- Para Clarke (2011), o *modus operandi* (grifo nosso) do psicopata corporativo via manipulação prolongada afeta **negativamente** (grifo nosso) os demais colegas de trabalho e causa diversas reações similares nas vítimas. As vítimas do psicopata corporativo relatam se sentir **como se tivessem perdido o controle sobre suas vidas** (grifo nosso);

- Segundo Clarke (2011), notou-se que o **juízo de valor** (grifo nosso) do indivíduo que sofreu com as ações nefastas do psicopata corporativo comprometeu-se **negativamente** (grifo nosso) e tornou-se imensamente **passível de erro** (grifo nosso). Desta forma, a aproximação e integração da vítima com os colaboradores de boa índole foram afetadas desfavoravelmente, de modo consequente, **prejudicaram o clima organizacional e a produtividade destes padecentes** (grifo nosso);
- De acordo com Clarke (2011), examinando-se todos os efeitos causados pela ação nefasta e cruel do psicopata corporativo, o mais **nocivo entre todos** (grifo nosso) e, de certa forma, proveniente do impacto acarretado pela atuação conjunta de tais danos, ressalta-se a **depressão** (grifo nosso). **A perda de confiança nas próprias capacidades e nos demais membros da corporação** (grifo nosso) foram outros efeitos relatados pelas vítimas diante do *modus operandi* (grifo nosso) do psicopata;
- Para Clarke (2011), diante de todos os **efeitos tóxicos** (grifo nosso) causados nas vítimas pelo *modus operandi* (grifo nosso) do psicopata corporativo, torna-se fundamental que a pessoa agredida emocionalmente e (ou) fisicamente busque **auxílio profissional** (grifo nosso);
- Em conformidade com Clarke (2011), **os amigos e a família das vítimas** (grifo nosso) das ações maléficas do psicopata corporativo constituem uma **cadeia de apoio extremamente importante e benéfica** (grifo nosso) num momento turbulento na vida dos padecedores.

A revisão de literatura sobre o objeto de pesquisa especificado na elaboração do livro visou o alcance dos objetivos específicos estabelecidos na seção terciária 1.3.2 para atingir o objetivo geral referido na seção 1.3.1. Dessa maneira, a pergunta-chave da obra seria respondida.

No que diz respeito à **definição e caracterização** (grifo nosso) do psicopata corporativo foram apresentados vários pensamentos de diversos estudiosos brasileiros e estrangeiros sobre o tema. **A principal característica do psicopata é a ausência de consciência** (grifo nosso). Ele tem ciência dos seus atos praticados e das respectivas consequências para as vítimas. Desta forma, **o perfil do psicopata corporativo foi bastante detalhado e explicado** (grifo nosso).

O **modus operandi** (grifo nosso) do psicopata corporativo foi esquadrihado também através das ideias de notáveis autores da temática. **Todas as estratégias de manipulação foram evidenciadas para a perfeita compreensão do mecanismo de atuação do psicopata corporativo** (grifo nosso). Ele deseja **poder e controle** (grifo nosso) na organização via manipulação de colaboradores para ascender profissionalmente e, por conseguinte, obter as vantagens financeiras inerentes aos cargos de liderança. Ressalta-se que, o psicopata corporativo se aproveita da **cultura organizacional “doente”** (grifo nosso) de diversas companhias, aquelas consideradas **“corporações psicopatas”** (grifo nosso), para desempenhar o seu potencial destrutivo.

Os **danos causados nas vítimas** (grifo nosso) pela atuação do psicopata corporativo foram salientados enfaticamente. O **principal prejuízo** (grifo nosso) causado pelas ações nefastas do psicopata corporativo na vítima é a possibilidade dela desenvolver **depressão** (grifo nosso). **A perda de confiança nas próprias capacidades e nos demais membros da corporação** (grifo nosso), consequências que afetam o desempenho pessoal de um empregado, além do clima organizacional, foram outros efeitos relatados pelas vítimas diante do **modus operandi** (grifo nosso) do psicopata.

Notou-se que é **fundamental aprofundar os estudos acerca da psicopatia para definir os abundantes aspectos divergentes referentes às ideias dos pesquisadores da área** (grifo nosso). Porém, independentemente das diferenças de opiniões, percebeu-se que o psicopata corporativo é um **ser maléfico e que não se importa com o outro** (grifo nosso). Este tipo de colaborador **sempre ocasiona estragos gigantescos para a firma diretamente ou indiretamente** (grifo nosso). Quando não ocorrem casos de furto e prejuízo financeiro à companhia, os colegas de trabalho sentem a malignidade do psicopata corporativo. Desta forma, a organização será prejudicada no que se refere à destruição do clima organizacional e, conseqüentemente, a perda de produtividade daqueles ao redor do psicopata.

Deste modo, a revisão de literatura alcançou os objetivos específicos definidos anteriormente e, por conseguinte, atingiu o objetivo geral estabelecido para a obra literária. Logo, a obra sobre o tema ajudou a explicar as definições, o perfil, o *modus operandi* e os efeitos causados nas vítimas decorrentes das ações do psicopata no contexto empresarial, pois apresentou os pensamentos de inúmeros pesquisadores brasileiros e estrangeiros a respeito da temática e, conseqüentemente, proporcionou a correlação entre as diversas ideias destes exploradores. Portanto, evidenciou as opiniões confluentes e discordantes dos investigadores e **respondeu à pergunta-chave do trabalho acadêmico** (grifo nosso).

- BABIAK, P., & HARE, R. D. Snakes in suits - When Psychopaths go to work. New York, Estados Unidos da América: HarperCollins e-books. (2006). Disponível em: <<http://www.psychologieprace.cz/SharedFiles/Download.aspx?pageid=5&mid=16&fileid=44>> Acesso: 03/03/2018.
- BÍBLIA. Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Versão Almeida - Revista e Corrigida. 1995. p.1572.
- BINS, H. D., & TABORDA, J. G. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. Revista Debates em Psiquiatria, Ano 6, nº 1 - Jan/Fev 2016 , 8-16. (2016). Disponível em: <http://www.abp.org.br/rdp16/01/RDP_1_201601.pdf> Acesso: 25/01/2018.
- CAMPELO, R. E., & SOUSA, E. G. "Ele pode estar na mesa ao lado": análise da produção científica sobre psicopatas corporativos. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (IV CBE0). (19 a 21 de 10 de 2016).Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/118/110>> Acesso: 19/01/2018, Brasil.
- CLARKE, D. J. Trabalhando com Monstros - Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles. São Paulo: Fundamento. (2011).
- CLECKLEY, H. M. The Mask of Sanity. In H. M. Cleckley, he Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality (p. 403). Augusta, Georgia, Estados Unidos da América: Copyright 1988 Emily S. Cleckley. (1988) .ISBN 0-9621519-0-4 Disponível em: <http://www.cix.co.uk/~klockstone/sanity_1.pdf> Acesso em: 23/03/2018.
- DICIONÁRIO DO AURÉLIO - Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/>> Acesso: 23/02/2018.
- ELY, L. M., FISCHER, L. A., GARRO, D. F., LINCK, I. M., & NEUBAUER, V. S. Psicopatas na sociedade: entre a razão e a emoção, um perigo eminente. XVI Seminário Internacional de Educação no Mercosul. (25 a 27 de 08 de 2014). Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Psicopatas+na+sociedade%3A+entre+a+raz%3%A3o+e+a+emo%3A+7%3A3o%2C+um+perigo+eminente&btnG=>> Acesso: 25/01/2018.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4º. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOETTEN, C. Confira 10 sinais característicos de um psicopata. Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em Hypescience: <https://hypescience.com/voce-e-um-psicopata-confira-dez-sinais-desse-transtorno-de-personalidade/> (04 de 09 de 2017).
- GONÇALVES, A. C., PEREIRA, T. A., & MARQUES, F. G. A responsabilidade penal do psicopata à luz do ordenamento jurídico penal brasileiro - Imputabilidade x semi-imputabilidade. (1996). Acesso em 13 de 03 de 2018, disponível em JUS.com.br: <https://jus.com.br/artigos/59573/a-responsabilidade-penal-do-psicopata-a-luz-do-ordenamento-juridico-penal-brasileiro/4>.
- GOOGLE ACADÊMICO - Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>> Acesso: 19/01/2018.

HARE, R. D. Sin conciencia - El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean. Tradução: Rafael Santandreu. (2003). ISBN: 8449313619. Barcelona: Paidós. Disponível em: <[http://puncocritico.com/ausajpuncocritico/documentos/Sin%20Conciencia%20\(Psicologia%20del%20Psicopata\)-Robert%20D%20Hare.pdf](http://puncocritico.com/ausajpuncocritico/documentos/Sin%20Conciencia%20(Psicologia%20del%20Psicopata)-Robert%20D%20Hare.pdf)> Acesso: 09/03/2018.

HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 2, jun 2009, p. 285-302 (2009). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v12n2/v12n2a04.pdf>> Acesso: 11/03/2019.

HIDALGO, N. d., & SERAFIM, A. d. Psicopatia: o que as pessoas sabem de fato sobre este conceito. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 24 (2), Jul.-Dez. 2016. Instituto Metodista de Ensino Superior CGC 44.351.146/0001-57, 11-20. (2016). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/311989892_Psicopatia_O_que_as_Pessoas_Sabem_de_Fato_Sobre_este_Conceito> Acesso: 23/03/2018.

HORTA, M. Psicopatas S.A. - Superinteressante. Publicado em 26 de maio de 2011, 22h00min. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/comportamento/psicopatas-s-a/>> Acesso: 03/03/2018.

MAUER, E. L. Introdução à Loucura. (06 de 04 de 2016). Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em UNIICA - Unidade Intermediária de Crise e a Apoio à Vida: <http://uniica.com.br/artigo/introducao-a-loucura/>.

MEDEIROS, C. R., JÚNIOR, V. M., & POSSAS, M. d. "Quem mais veste Prada?" Psicopatas Corporativos e Assédio Moral no Trabalho. *Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro (MADE/UNESA)*. ISSN: 2237-5139, v.19, n.1, 102-122. (2015). Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/admmade/article/view/961/646>> Acesso em: 19/01/2018.

MICHAELIS ONLINE - Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso: 23/02/2018.

MORANA, H. C., STONE, M. H., & FILHO, E. A. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. *Rev Bras Psiquiatr.* 28(Supl II), 74-79 (2006). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s2/04.pdf>> Acesso: 21/03/2018.

NARLOCH, L., & VERSIGNASSI, A. Seu amigo psicopata. (19 de 06 de 2017). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em SUPER INTERESSANTE: <https://super.abril.com.br/comportamento/seu-amigo-psicopata/>.

NASCIMENTO, L. F. Empresa psicopata versus empresa cidadã. *Revista de Gestão Social e Ambiental (RGSA)* (2007). Jan.- Abr. 2007, v.1, n.º.1, 19-29. Disponível em: <<https://rgsa.emnuvens.com.br/rgsa/article/view/13/3>> Acesso: 20/01/2018.

OLIVEIRA, A. C. ANÁLISE DA FIGURA DO PSICOPATA SOB O PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO-MORAL E JURÍDICO-PENAL. (2011). Rio de Janeiro: PUC Rio. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CSS/DIR/DIR_Alexandra%20Carvalho%20Lopes%20de%20Oliveira.pdf> Acesso: 23/03/2018.

ORIGEM DA PALAVRA - Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/>> Acesso: 23/02/2018.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE, 2006.

SCIELO - *SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE* - Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>> Acesso: 19/01/2018.

SILVA, A. B. Mentas perigosas - O psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Fontanar. (2008). Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-mentas-perigosas-o-psicopata-mora-aolado-ana-beatriz-barbosa-silva-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso: 03/03/2018.

SILVA, A. M., & KROM, V. O psicopata na direção da corporação causador de dano ao meio ambiente e a intervenção do direito. XIII Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica, o IX Encontro de Pós-Graduação e o III Encontro de Iniciação Científica Júnior. (15 e 16 de 10 de 2009). São José dos Campos, São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/RE_0505_0132_01.pdf> Acesso: 19/01/2018.

SINA, A. Psicopata corporativo - Identifique-o e lide com ele. São Paulo: Évora. (2017).

SOALHEIRO, B. (31 de 10 de 2016). Louco, eu? Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em Super Interessante: <https://super.abril.com.br/saude/louco-eu/>.

STAUT, B. Sobre Psicopatas: trata-se de maldade ou doença? (2011). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em Hypescience: <https://hypescience.com/psicopatas-maldade-ou-doenca/>.

TOBLER, G. C. PSICOPATIA: UMA GRAVE DOENÇA OU APENAS O DESEJO CONSCIENTE DE PROVOCAR O MAL? (2017). Acesso em 12 de 03 de 2018, disponível em empório do direito.com.br: <http://emporiiodireito.com.br/leitura/psicopatia-uma-grave-doenca-ou- apenas-o-desejo-consciente-de-provocar-o-mal>.

TRINDADE, J. O psicopata é como o gato. (12 de 05 de 2015). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em Justificando.cartacapital.com.br: <http://justificando.cartacapital.com.br/2015/05/12/o-psicopata-e-como-o-gato/>.

TURRIONI, J. B., & SILVA, P. G. Psicopatas corporativos: Eles existem e deterioram o clima organizacional. Research, Society and Development, v.1, n.1, 20-42. (jan-jul, 2016). Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6070052>> Acesso: 19/01/2018.

VASCONCELLOS, S. J., SALVADOR-SILVA, R., VARGAS, F. d., HOFFMEISTER, F. X., PRATES, P. F., & SILVA, R. M. A cognição social dos psicopatas: achados científicos recentes. Estudos de Psicologia (Campinas), vol.34, nº.1 - Jan/Mar. , 151-159. (2017). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2017000100151&lng=pt&tlng=pt> Acesso: 14/02/2018.

REALIZAÇÃO:

SEVEN
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.